



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**O ZAPATISMO PARA CRIANÇAS: ANÁLISE DOS ESCRITOS LITERÁRIOS DO  
SUBCOMANDANTE MARCOS**

LAÍS CARLA ALVES DE MENEZES

CAMPINA GRANDE  
FEVEREIRO DE 2023

**O ZAPATISMO PARA CRIANÇAS: ANÁLISE DOS ESCRITOS LITERÁRIOS DO  
SUBCOMANDANTE MARCOS**

LAÍS CARLA ALVES DE MENEZES

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Dr. Celso Gestermeier do Nascimento

Campina Grande

Fevereiro de 2023

LAÍS CARLA ALVES DE MENEZES

**O ZAPATISMO PARA CRIANÇAS: ANÁLISE DOS ESCRITOS LITERÁRIOS DO  
SUBCOMANDANTE MARCOS**

Trabalho de Conclusão do Curso avaliado em \_\_/\_\_/\_\_ com o conceito \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Orientador (a)

---

Examinador (a)

---

Examinador (a)

## AGRADECIMENTOS

Durante a graduação passamos por diversas fases igualmente importantes entre si. Sobrevivendo a todas elas, nada é feito sozinho. Esse trabalho é resultado não só de um esforço intelectual, mas sim de um conjunto de fatores que me permitiram chegar até esse momento. Não chego aqui sozinha e por isso agradeço aos seguintes:

Aqueles que sempre acreditaram em mim, inclusive quando eu mesma duvidei, incontáveis vezes. Merecedores de toda minha gratidão e amor, Seu Carlos e Dona Elianir. A vocês, pai e mãe, minha vida.

À minha irmã, Ellís Iracema, que mesmo de longe se faz presente em minha vida.

A meus amigos de curso, que conheci na universidade, com quem compartilhei aulas e cafés na praça. Matheus e Mikaelly, principalmente, cada um à sua maneira, me ofereceram uma amizade que não poderia trocar por nenhuma outra. O primeiro, com quem compartilhei companheirismo durante todo o curso; amigo de conversas, festas e comentários inflamados e equivocados causados pela angústia de compartilhar a torcida pelo São Paulo Futebol Clube. A segunda, a pessoa mais organizada que já conheci em vida, que sabia mais do meu horário que eu própria, com quem dividi lanches da tarde e horas de estudo intercaladas com café e cochilos. A vocês, muito obrigada por toda nossa trajetória. A Igor, pelas vezes que apareceu em minha casa no meio da tarde com os mais variados questionamentos e a Gabriel, que não sei até hoje dizer como ou porquê nossa amizade começou, mas que bom que isso tenha me acontecido.

A meus amigos de muito antes do curso de História, Anne e Thiago.

A Timur, meu amigo que mora do outro lado do mundo, mas que muitas vezes foi o mais próximo. Спасибо.

A Elvys e Valéria, por terem me deixado reaparecer em suas vidas no último ano.

Às minhas tias, Cleide e Naide, de quem tive o privilégio de ser um pouco filha ao longo dos anos.

A meu professor e orientador, Celso Gestermeier, a quem devoto muita admiração e que, sem dúvidas, me inspira enquanto profissional. Quero poder despertar o interesse de meus futuros alunos da mesma maneira que me senti em suas aulas.

*“Contra la muerte, nosotros demandamos vida.  
Contra el silencio, exigimos la palabra y el  
respeto.  
Contra el olvido, la memoria.”*  
(Subcomandante Marcos)

## RESUMO

O presente trabalho busca analisar algumas das histórias literárias do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) que se relacionam diretamente com as crianças. Desde seu aparecimento até os dias atuais, o movimento zapatista passou por mudanças quanto à sua atuação e a utilização da palavra tornou-se imperativa quanto instrumento de comunicação. Ao utilizar-se da internet para divulgar seus ideais e informar a comunidade internacional sob seu ponto de vista dos conflitos que ocorriam em Chiapas, o EZLN disponibilizou também diversas histórias criadas pelo Subcomandante Marcos, que criou um universo literário rico em personagens e contos. Tais histórias são aqui nossa fonte e objeto de estudo. Em algumas dessas, crianças zapatistas aparecem como personagens e também como público. Aqui buscamos discutir como dentro destas se fazem presentes as críticas sociais, os valores indígenas e políticos do movimento e como Marcos retrata e se comunica com os pequenos.

Palavras-chave: Crianças zapatistas; literatura zapatista; EZLN; Subcomandante Marcos.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EZLN	Exército Zapatista de Libertação Nacional
PRI	Partido Revolucionário Institucional
CCRI-CG	Comitê Clandestino Revolucionário Indígena - Comando Geral
JBG	Juntas de Buen Gobierno (Juntas de Bom Governo)
SUP	Subcomandante
MAREZ	Municípios autônomos rebeldes Zapatistas



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. “NO SOMOS UN MOVIMIENTO IMPROVISADO”: A FORMAÇÃO DO EXÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 A busca por uma autonomia zapatista .....</b>	<b>21</b>
<b>2. “NUESTRA ARMA ES NUESTRA PALABRA”: A LITERATURA ZAPATISTA....</b>	<b>28</b>
<b>2.1 Oralidade, tradição e cosmovisão .....</b>	<b>29</b>
<b>2.2 A ponte entre passado e presente: El viejo Antonio.....</b>	<b>32</b>
<b>2.3 Don Durito de Lacandona - a luta do cavaleiro andante.....</b>	<b>37</b>
<b>3. O ZAPATISMO E AS CRIANÇAS .....</b>	<b>46</b>
<b>3.1 Los de abajo: as crianças zapatistas ouvem e falam.....</b>	<b>50</b>
<b>3.2 “Los diablos de novo siglo”: a cansativa tarefa de cuidar das crianças zapatistas..</b>	<b>54</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

A aparição pública do Exército Zapatista de Libertação Nacional em 1994 foi um respiro para os movimentos sociais ao redor do mundo. Ao reivindicar o legado de Emiliano Zapata, um dos líderes da Revolução Mexicana de 1910, que se levantara contra o governo de Porfirio Diaz, o EZLN reivindica também a luta contra aqueles que empreendem contra o povo mexicano mais de quinhentos anos de exploração. Além disso, convoca o povo mexicano à luta pelo direito à terra, saúde, educação, comida, trabalho, independência, liberdade, justiça, democracia e paz.

Da Primeira Declaração da Selva Lacandona de 01 de janeiro de 1994 até os dias atuais, o movimento se reinventa e demonstra sua luta por diversos caminhos. Um deles se faz por meio da escrita, a palavra como arma. Para isso, o EZLN se apropria da internet para fazer ecoar sua voz e mostrar ao mundo, a sua versão dos fatos. Não podiam ser reféns da mídia subserviente aos interesses do neoliberalismo e do governo mexicano. Desse modo, para alcançar a sociedade civil nacional e internacional, o EZLN passa a documentar sua história nas redes, através de comunicados que até hoje estão disponíveis nos sites mantidos pelo movimento. Para a busca das fontes e realização desse trabalho, utilizamos a seção intitulada “Arquivo Histórico” do site [enlacezapatista.ezln.org.mx](http://enlacezapatista.ezln.org.mx).

Além da seção citada acima, o site disponibiliza algumas das atividades recentes do EZLN, comunicados das Juntas de Bom Governo (JBG) e do CCRI-CG (Comitê Clandestino Rebelde Insurgente - Comitê Geral). Parte das publicações, originalmente em espanhol, conta com traduções para o inglês, italiano, alemão e francês, o que facilita a comunicação entre o movimento e as mais diversas pessoas ao redor do mundo.

Com comunicados assinados pelo CCRI-CG, pelo Subcomandante Insurgente Marcos, o porta-voz do EZLN até 2014, e diferentes tipos de texto, o Exército Zapatista foi pioneiro na luta no ciberespaço, utilizando-se daquela ferramenta para chegar aos mais diversos locais e pessoas, criando uma rede de apoio internacional. Além dos escritos mais informativos, que documentavam ou denunciavam acontecimentos, o EZLN também produziu e mostrou ao mundo sua literatura. O grande representante dessa face do EZLN foi o Subcomandante Insurgente Marcos, que cria um universo literário rico em personagens e histórias, que contam com temáticas variadas, desde os mitos da criação até críticas contemporâneas ao neoliberalismo e seus valores. Entendendo a importância da literatura na divulgação dos ideais zapatistas mundo afora e observando a falta de estudos sobre o tema, buscamos analisar

uma parte mais específica desta: as crianças na literatura do EZLN. Para isso, organizamos o trabalho em três partes.

O primeiro capítulo busca oferecer um panorama geral da existência do Exército Zapatista de Libertação Nacional, aborda alguns dos momentos da história da luta zapatista, priorizando mostrar como o movimento se adapta às condições de sua realidade na busca pela criação de sua autonomia política e territorial. Nessa primeira parte, dialogamos e utilizamos principalmente o trabalho de autores como Raúl Ornelas, Antonio Carlos Gil Amador e Yvon Le Bot a fim de mostrar o desenvolvimento do EZLN e sua busca por autonomia ao passar dos anos, com a construção das Juntas de Bom Governo e dos Municípios Autônomos Rebeldes Zapatistas.

Já no segundo capítulo, buscou-se analisar a forma como o EZLN e o Subcomandante Marcos utilizaram-se da literatura para falar da comunidade e da luta zapatista para quem os acompanhava de fora. As fontes, ou seja, as histórias publicadas pelo EZLN, utilizadas para tal, foram disponibilizadas pelo próprio movimento em sites organizados e mantidos por ele. A história do EZLN, contada pelos próprios integrantes, até hoje pode ser acessada por qualquer um com acesso à internet.

Nos utilizamos assim de autores como Sandra Jatahy Pesavento e sua contribuição sobre a relação de literatura e história, a definição de Antônio Cândido sobre literatura e os trabalhos de Andrea Bagnoli e Hilsenbeck Filho sobre a utilização da palavra escrita pelo EZLN. A partir do velho Antonio e Don Durito, um ancião e um escaravelho, personagens que apareceram em diversas das histórias escritas ao longo do tempo, buscamos evidenciar como a literatura zapatista é composta pela cosmovisão indígena, por poesia, humor, sem deixar de lado sua visão política cheia de críticas acompanhada por personagens únicos.

No terceiro capítulo, finalmente, trouxemos algumas das histórias publicadas pelo EZLN que relacionam-se com as crianças zapatistas, com a aparição direta destas ao longo do corpo do texto. Para isso, como já citado, utilizamos alguns textos publicados pelo EZLN, desde 1994 até aproximadamente o ano de 2002, período no qual as crianças foram personagens recorrentes nas histórias do Subcomandante Marcos. Buscamos mostrar como o autor, que é também um personagem, narra a história de algumas delas e o modo como estas se comportam dentro da comunidade, seja uns com os outros ou em relação aos adultos, à luta e à vida no EZLN.

## 1. “NO SOMOS UN MOVIMIENTO IMPROVISADO”: A FORMAÇÃO DO EZLN

A primeira declaração da selva Lacandona é, sem dúvidas, um dos grandes marcos do movimento organizado pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional. No entanto, não se pode contar a história do EZLN apenas a partir de 1º de janeiro de 1994. A história do movimento que desembocará no levante em Chiapas começa tempos antes, há cerca de 20 anos do grito de ¡Basta!<sup>1</sup>. Compreender esse simples mas complexo fato é essencial para entender a luta dos zapatistas a partir de suas origens e de suas adaptações ao longo do tempo.

Ao fim dos anos 60, o Partido Revolucionário Institucional (PRI) que, desde 1929 comandava a política do México<sup>2</sup>, começava a visualizar pequenas rachaduras em seu sistema político que, até então, era visto como firme e contava com considerável apoio da população. Tal alteração na dinâmica da política mexicana foi resultado de diversos acontecimentos que abalaram a tranquilidade do partido que por mais tempo governou na América Latina. Seguindo o curso das manifestações de cunho estudantil e acadêmico que aconteceram pelo mundo no ano de 1968, os estudantes mexicanos serão protagonistas de um período de questionamentos ante a atuação do PRI.

O episódio de maior repressão ao movimento estudantil mexicano em 1968 se dá na praça Tlatelolco, ou praça das Três Culturas, na capital do país, no dia 2 de agosto. Visando os holofotes que se voltavam para a capital por conta dos Jogos Olímpicos de 68, os estudantes organizam um movimento pacífico, junto a professores e setores do movimento operário. Tal evento, já resultado de uma onda de pequenos levantes estudantis no país, é brutalmente reprimido, seguindo a cartilha de atuação do PRI: repressão e violência. As fontes oficiais indicam duas dezenas de mortos no episódio, número contestado por outras fontes e pelos próprios estudantes que participaram da mobilização. O caráter violento do governo contra estudantes e professores seguiu em continuidade, o que fez com que outros setores da sociedade civil se indignassem com a brutalidade da ação do PRI e acabaram por motivar, juntamente com outras questões, movimentos como o das guerrilhas armadas urbanas e rurais.

Se criava um clima de tensão, com movimentos civis e de guerrilha se organizando, junto a greves do setor operário e descontentamento do setor empresarial com a crise econômica do país. Neste cenário, em grande parte influenciados pela Revolução Cubana de 1959, grupos armados com

---

<sup>1</sup> Referência ao chamado publicado na Primeira Declaração da Selva Lacandona, publicado em 1º de Janeiro de 1994, disponível em <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/01/01/primera-declaracion-de-la-selva-lacandona/>

<sup>2</sup> O Partido Revolucionário Institucional foi criado com esse nome em 1947, mas sua fundação é datada de 1929 com a fundação do Partido Nacional Revolucionário (PNR).

atuação de jovens, em sua maioria estudantes com bom embasamento teórico mas pouca experiência nos movimentos populares, começam a se formar. Outros se aliam aos indígenas e camponeses da zona rural, buscando construir uma luta que conseguisse fugir do alcance da repressão estatal. (FIGUEIREDO, 2003).

É sob essa dinâmica que o EZLN vai ganhar as primeiras formas de seu movimento, primeiramente através da Força de Libertação Nacional (FLN). Fundada em 1969, no norte do México, a organização vai estabelecer-se em diversos estados, como Veracruz, Puebla, Nuevo León, Tabasco e Chiapas. Com o objetivo de construir a luta revolucionária camponesa, o movimento formado majoritariamente pela classe média e de caráter urbano a priori, a FLN buscava estabelecer uma guerrilha, seguindo o exemplo de outras organizações atuantes da América Latina. É o próprio Subcomandante Marcos, aquele que foi a voz do movimento por tanto tempo quem diz que, no início, essa organização clandestina estava muito próxima do meio urbano, composta majoritariamente por pessoas da classe média e quase sem operários, poucos camponeses e nenhum indígena. (Subcomandante Marcos apud Le Bot, 1997, p. 52)

Ao passar do tempo, no entanto, desencontros de cunho teórico e ideológico barraram o desenvolvimento de um movimento aliado com outros países. Ainda segundo o Subcomandante, os movimentos do Caribe e da América Latina, tinham outra visão do papel do México na luta revolucionária: “Todas las organizaciones armadas de Centro y Sudamérica con las que entramos en contacto antes del 94 nos respondieron con el mismo argumento central: la revolución era posible en cualquier parte del mundo, menos en México.” (Subcomandante Marcos apud LE BOT, 1997, p. 53) As estratégias de atuação estavam, desse modo, comprometidas pelas diferenças ideológicas entre tais grupos. Assim, a ajuda destes para com a FLN fica comprometida em sua base estrutural:

Esto va a significar que ninguna organización se solidarice con el zapatismo, con el zapatismo armado, ni en cuanto al armamento, ni al entrenamiento, ni al financiamiento. El proyecto no sólo era una locura, sino que iba en contra de toda la línea política de esas organizaciones: apoyar a un movimiento armado en México era destruir su retaguardia estratégica. (Subcomandante Marcos apud LE BOT, 1997, p. 53)

Num momento em que não pode depender do programa teórico-político desses outros grupos, a FLN busca, por outros caminhos, cunhar sua base teórica. Análises que diziam respeito ao movimento de Independência Mexicana de 1810, Revolução Mexicana e a atuação dos exércitos de Zapata e Pancho Villa, entre outras, passarão a ser referência para a estruturação da luta de guerrilha, seguindo assim o caminho da criação de um exército. Desamparados perante outras organizações e lutas socialistas, esse grupo de intelectuais, professores e alunos universitários em

sua maioria, que buscava criar uma luta campesina, se debruça sobre a história do México, suas classes sociais e uma análise do Estado mexicano, para assim criar sua própria estratégia de organização. “Así pues, esta organización construye su teoría política, su teoría de la revolución, más apegada a México, y a lo que es la situación en México, que a la doctrina del comunismo internacional.” (Subcomandante Marcos apud LE BOT, 1997, p. 54). É baseado na identidade e na história mexicana que o EZLN, na Primeira Declaração da Selva Lacandona, define a si próprio:

Somos producto de 500 años de luchas: primero contra la esclavitud, en la guerra de Independencia contra España encabezada por los insurgentes, después por evitar ser absorbidos por el expansionismo norteamericano, luego por promulgar nuestra Constitución y expulsar al Imperio Francés de nuestro suelo, después la dictadura porfirista nos negó la aplicación justa de leyes de Reforma y el pueblo se rebeló formando sus propios líderes, surgieron Villa y Zapata, hombres pobres como nosotros a los que se nos ha negado la preparación más elemental para así poder utilizarnos como carne de cañón y saquear las riquezas de nuestra patria sin importarles que estemos muriendo de hambre y enfermedades curables, sin importarles que no tengamos nada, absolutamente nada, ni un techo digno, ni tierra, ni trabajo, ni salud, ni alimentación, ni educación, sin tener derecho a elegir libre y democráticamente a nuestras autoridades, sin independencia de los extranjeros, sin paz ni justicia para nosotros y nuestros hijos. (EZLN, 1994)

Em 1974 ocorre em San Cristóbal de Las Casas o Congresso Nacional Indígena, outro marco importante para a formação do EZLN. Segundo Andreo (2007), o Congresso Indígena de San Cristóbal de Las Casas, impulsionado pelos ideais da Teologia da Libertação<sup>3</sup>, significou uma ruptura decisiva no movimento indígena chiapaneco, que proporcionou uma junção de diferentes etnias, o que possibilitou que estas, junto ao grupo urbano que fora habitar a selva Lacandona, pudessem elaborar formas de resistir a exploração a que estavam sendo sujeitadas. Os encontros proporcionados e derivados do Congresso Nacional Indígena promovem o debate sobre questões comuns dos habitantes de um dos estados mais pobres do país. Saúde, educação, terras, entre outros, eram os temas mais debatidos nessas contendas, que proporcionaram, por sua vez, a possibilidade de organização do movimento indígena da região.

O contato entre os indígenas e os novos habitantes da selva Lacandona, situada no leste do estado de Chiapas, se dará, ao longo dos anos 70 e 80, o que irá proporcionar, segundo o Subcomandante Marcos, um processo de adaptação à vida indígena. Especificamente ao fim dos anos 80, as trocas entre estes dois grupos se darão de forma mais unificada, uma vez que precisavam se organizar caso quisessem alcançar seu objetivo em comum: a reivindicação por melhores condições de vida diante do governo mexicano. Assim, os guerrilheiros ensinavam suas

---

<sup>3</sup> Corrente teológica cristã de grande importância na América Latina que surge ao final dos anos 1960 e que buscava, através das ciências humanas e sociais, construir um discurso político e religioso. Tal corrente cria as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), espaços onde grupos indígenas de diferentes etnias discutiam parte dos problemas em comum que enfrentavam, além de buscarem soluções coletivas para estes.

táticas aos indígenas que, em retorno, ensinavam os meios de sobrevivência dentro da selva Lacandona. É desse modo que ao fim da década de 80, o EZLN conta com centenas de combatentes.

Antes das eleições de 1988, o PRI registra forte rejeição à escolha de Carlos Salinas de Gortari<sup>4</sup> como candidato ao cargo de presidente para suceder Miguel de La Madrid. Além disso, setores civis e empresariais já mostravam descontentamento por conta da crise econômica que se abatia pelo país e, pela primeira vez em muitos anos, se observava um grande fortalecimento da oposição que se apoiava na crise (CANSINO, 1995). A Frente Democrática Nacional, coalizão de centro-esquerda, escolheu Cuauhtémoc Cárdenas, do Partido da Revolução Democrática, para enfrentar o candidato do PRI e ao fim da eleição, que tivera grandes sinais de fraude, Gortari é eleito com mais de nove milhões de votos, com diferença de mais de três milhões de votos diante de Cárdenas. Os cerca de 31,6% conquistados pelo candidato da coalizão de esquerda era o maior registro da oposição em eleições até aquele momento, o que indicava que o PRI vivia um momento inédito de sua trajetória e hegemonia enquanto partido. Iniciava-se, assim, um governo com algumas condições de governabilidade fragilizadas e um povo que desejava mudanças para vias mais democráticas.<sup>5</sup>

Após as eleições, se mantinha então, um partido hegemônico que estava no poder há quase sessenta anos, o que demonstrava a fragilidade da democracia desejada pelo povo mexicano daquele tempo. Para os habitantes da selva Lacandona, houve aumento na repressão pelas forças do estado, além das condições precárias de viver, existentes na região há décadas, que foram mantidas. O último acontecimento que precede o maior fortalecimento da luta armada do EZLN é, segundo o Subcomandante Marcos, a reforma do artigo 27 da Constituição Mexicana, relacionada à legislação agrária do país:

Nosotros pensábamos que estábamos convenciendo a la gente. En realidad, era otro el elemento que la estaba convenciendo: la reforma de Salinas al artículo 27, yeso era lo último que faltaba. Se cancela el reparto agrario, ahora toda la tierra, incluso los ejidos, se pueden comprar y vender. Entonces ya no hay esperanza, se acabó. Ya sólo queda la lucha armada. (Subcomandante Marcos apud LE BOT, 1997, p. 53)

Antes da reforma, o artigo 27, fruto da Revolução Mexicana, garantia a propriedade de terra para aqueles que nela trabalhassem. Desse modo, as terras não podiam ser vendidas, por exemplo.

---

<sup>4</sup> Salinas de Gortari fora secretário de finanças do governo de Miguel de la Madrid (82-88)

<sup>5</sup> Às vésperas da eleição, uma pesquisa revelava que 82% dos entrevistados pensavam que o país precisava passar por mudanças em seu sistema político. “Estudio sobre la actualidad nacional mexicana”, Bendixen & Law, El Perfil de la Jornada, 5 de julio de 1988.

Ao ser reformado, o artigo servia à ânsia de setores do capitalismo que buscavam destruir a estrutura coletiva proporcionada pelos *ejidos*. Tal mudança de cunho neoliberal faz com que haja um aumento dos protestos sociais e também garante um maior apoio ao EZLN. Tudo isso reforçava a tese de que havia necessidade de luta armada para defender os interesses dos camponeses e indígenas. É importante ressaltar que, para a população indígena, a possível perda de suas terras afetava toda sua dinâmica de vida uma vez que,

(...) existem povos, como o tzotzil de Chiapas, que creem que seus antepassados vivem nas montanhas que rodeiam suas comunidades, desde onde protegem e vigiam seus descendentes. Outros povos concebem seu território como uma herança recebida dos antepassados que o conseguiram e o defenderiam e também como um legado que deverão deixar a seus descendentes [...]Por todas essas razões, para as comunidades indígenas o território não é somente um cenário vazio onde vivem e produzem nem uma natureza outra que devem dominar e transformar, muito menos uma mercadoria que possa ser vendida ou comprada, mas sim constitui uma parte essencial da sua história, sua identidade e sua própria vida, um elemento essencial e inalienável de sua comunidade. (NAVARRETE LINARES, 2008, p. 52)

Após tantos anos escondido sob as sombras das árvores da selva Lacandona, o EZLN faz sua primeira aparição pública em 1994, no primeiro dia de janeiro, no mesmo dia em que Salinas consolida o acordo dos interesses do capital financeiro norte-americano, o NAFTA (North American Free Trade Agreement) através dos EUA e do Canadá. É nesse contexto em que a Primeira Declaração da Selva Lacandona é emitida:

(...) la Primera Declaración de la Selva Lacandona no habla de la toma del poder, habla del derrocamiento del dictador, en este caso Salinas de Gortari, y que el Congreso, o sea los diputados y senadores, nombre un gobierno de transición para organizar nuevamente el sistema político, para que se dé la lucha, ahora sí, para una nueva elección. (Subcomandante Marcos apud LE BOT, 1997, p. 83)

O Subcomandante Marcos deixa claro que esta é uma declaração de guerra, uma vez que “define claramente quién es el enemigo, y el enemigo es el sistema de partido de Estado de México, representado en este caso por Salinas de Gortari.” (Subcomandante Marcos apud LE BOT, 1997, p. 84). Além disso, elenca onze demandas que precisam ser atendidas e articulam todo o chamado da declaração: moradia, terra, trabalho, pão, saúde, educação, independência, liberdade, justiça, democracia e paz. Os zapatistas acreditavam que apenas após cumprindo-se os dez primeiros é que seria possível chegar ao último, a paz. Para isso, por sua vez, o EZLN precisa agir. Precisa mostrar ao que se propõe e pelo que luta. Assim, cerca de três mil combatentes ocupam militarmente San Cristóbal, Ocosingo, Chanal, Margaritas, Oxchuc, Huistán y Altamirano, o que representava cerca



de 25% do território total de Chiapas. Começava assim um conflito com o Exército Federal. Era a investida indígena, trajando *pasamontañas*<sup>6</sup>, contra a agenda neoliberal.

O conflito direto entre as tropas do EZLN contra as tropas governamentais duram cerca de doze dias, até o momento em que o governo mexicano, decide declarar cessar-fogo. A decisão foi tomada, majoritariamente, pela influência da opinião pública diante da ação violenta contra os combatentes. Desde o início dos embates violentos, setores da sociedade civil se colocam contra a ação e se mobilizam para que o governo pare com os ataques que, por sua vez, elenca condições para que se abandone a ofensiva violenta e se utilize de um diálogo “pacífico”. Tais condições envolviam, entre outras, a deposição e entrega de armas do grupo e identificação dos dirigentes do movimento.

O EZLN elenca também suas próprias condições no comunicado publicado em 6 de janeiro intitulado “Sobre el EZLN y las condiciones para el diálogo”<sup>7</sup> onde comentam sobre suas redes de articulação, esclarecem que não possuem vínculos com entidades religiosas, entre outros. O quarto ponto dum total de seis diz respeito a seu armamento onde, através do Comité Clandestino Revolucionário Indígena - Comando Geral (CCRI - CG), o EZLN declara que este não foi exibido em sua totalidade nas aparições públicas e que foram conquistados pouco a pouco ao longo de dez anos, tentando assim demonstrar a força de seu próprio Exército.

Nas condições estabelecidas pelo EZLN para o diálogo estão, entre outras, o reconhecimento deste como força beligerante, a retirada das tropas federais e o retorno delas a seus quartéis, o cessar do bombardeio indiscriminado às comunidades rurais e a formação de uma comissão nacional de intermediação. Diz o CCRI-CG que: “Nuestras tropas se comprometen a respetar estas condiciones si el gobierno federal hace lo mismo. En caso contrario nuestras tropas seguirán llevando adelante su avance sobre la ciudad capital del país.” (EZLN, 1994)

Em 12 de janeiro, na praça central da Cidade do México, a Praça da Constituição, seguindo a linha de outros eventos que ocorriam desde o início do conflito, cerca de 150 mil pessoas se reúnem na “Marcha pela Paz” para reivindicar que se estabeleça o fim do cessar-fogo e das hostilidades ocorridas no território de Chiapas entre as forças do Estado e dos Insurgentes do EZLN. Na Segunda Declaração da Selva Lacandona, publicada no mesmo ano em que a primeira, o

---

<sup>6</sup> Vestimenta que cobre o rosto, deixando apenas os olhos à mostra. Além de servir para evitar o frio, sua utilidade relaciona-se com o fato da dificuldade da identificação dos indígenas pelas forças repressoras do estado. Por último, seu uso relaciona-se com a não personificação de sua luta, na qual todos se identificam como um. (HILSENBECK FILHO, 2007)

<sup>7</sup> Disponível em: <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/01/06/sobre-el-ezln-y-las-condiciones-para-el-dialogo/>

Exército Zapatista ressalta a importância da mobilização da sociedade civil para que o ataque tenha cessado ao ressaltar que o conflito durou apenas doze dias porque “otra fuerza superior a cualquier poder político o militar” prevaleceu sobre as partes envolvidas no conflito. A sociedade civil mexicana ao assumir seu dever de preservar a pátria e manifestar-se assim fez com que o massacre fosse interrompido e obrigou a existência do diálogo. (EZLN, 1994)

Nesse momento, observando a necessidade de se estabelecer um diálogo com outros setores da sociedade mexicana para seguir obtendo seu apoio, o EZLN enxerga a possibilidade de utilizar outros meios principalmente no que diz à comunicação com a sociedade externa ao movimento, para continuar sua luta, não exclusivamente por meio da luta armada. No entanto, mesmo acertado o cessar-fogo – ainda que as demandas do Exército Zapatista não tivessem sido alcançadas – e o EZLN tenha seguido e criando novas estratégias de atuação, não houve abandono da via armada. “(...) em nenhum momento o EZLN realmente abandonou suas armas –nem o nome de Exército –, sendo elas de fundamental importância para a resistência do movimento, pois, como ressaltamos, vive-se em Chiapas uma situação de ‘paz armada’(...)” (HILSENBECK FILHO, 2009).

O consenso entre o grupo era sempre estar preparado para quaisquer conflitos vindouros. Além disso, a manutenção e utilização das armas pelo EZLN servia para garantia e proteção de seu território autônomo. Quando o cessar-fogo unilateral do governo é estabelecido, segundo fontes oficiais, 150 insurgentes e 24 policiais haviam morrido, embora os números estabelecidos pela população ultrapasassem os 400. (FIGUEIREDO, 2003)

Acompanhar a dinâmica da atuação do EZLN é observar também as características de alguns dos movimentos sociais latino-americanos da época e as tendências internacionais. Havia uma pressão externa para que o movimento buscasse uma via mais pacífica, se quisesse continuar a ter o apoio dessa parcela da sociedade, após sua aparição e demonstração de força em janeiro. Quando nos anos 90 o EZLN surge do alto da Selva Lacandona, era imperativo, na visão de alguns dos movimentos externos, nacionais e internacionais, que ele precisaria ajustar-se a novos modelos de luta, uma vez que, nesse mesmo período, se observava na América Latina e no restante do mundo, uma tendência representada pelos movimentos sociais que almejavam estabelecer um relação entre Estado e sociedade de forma equilibrada e até mesmo pacífica.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Conhecido e debatido principalmente no campo da sociologia como “novos movimentos sociais” estão inclusas as movimentações que diziam respeito à atuação de novos grupos sociais, abandonando ou não colocando sob destaque pautas que até então eram tidas como urgentes. As contestações sociais e políticas dos movimentos civis nos EUA bem como os protestos europeus de maio de 68 são incluídos neste termo.

Essa alteração na dinâmica das lutas latino-americanas se deu, em grande medida, à desarticulação das organizações tradicionais, como sindicatos e ligas camponesas, entre os anos 60 e 70, devido ao volume de regimes autoritários que foram instaurados em diversos países. Para Luis Fernando Ayerbe, nesse momento, entre as esquerdas e suas formas de ação onde havia uma predominância da “valorização da democracia representativa como principal marco regulador da diversidade política e ideológica.” (AYERBE, 2004, p. 114)

O México não passou pelo estabelecimento de uma ditadura que se aproxime da forma de regime implantado em outros países como Chile ou Brasil, houve, no entanto, a permanência do PRI por longos anos, o que acabou criando um espaço autoritário, organizado por um partido hegemônico, o que fazia com que se criasse grande dificuldade em construir, livremente, movimentos organizados de trabalhadores, principalmente. Assim, buscaram-se outras estratégias que se desvinculassem das noções tradicionais e da esfera do estado. À medida que se distanciavam dessa tradição, se afastavam também da estratégia da luta armada. Não mais se falava em guerrilhas rurais ou urbanas como a melhor solução para a transformação social. O declínio da esquerda, representado pela queda do Muro de Berlim, o Período Especial em Tempos de Paz de Cuba<sup>9</sup> e a derrota dos sandinistas em 1990 na Nicarágua, entre outras, criava um cenário onde necessitava-se de ajustes na atuação social. O controle do Estado não era mais tão primordial na busca por mudanças.

(...)o distanciamento entre o EZLN e a política institucional mexicana se relaciona diretamente à perda de credibilidade de parte das instituições democráticas na América Latina, especialmente no que diz respeito aos partidos políticos. Neste sentido, é possível perceber que o apartidarismo do Exército Zapatista de Libertação Nacional e o progressivo fortalecimento das comunidades autônomas zapatistas -com a consequente formação de uma dinâmica democrática própria -são fatores interligados. (PINTO, 2020)

O EZLN, desse modo, no período em que ganha destaque dentro da sociedade mexicana, não caminha lado-a-lado com as tendências do campo da esquerda em seu modo de agir. O Exército Zapatista, em sua essência foi – e ainda é – um movimento maleável, que conseguiu se adaptar e transformar-se a partir de suas próprias condições e contradições existentes. Exemplo disso é a mudança de comportamento em relação à atuação dos indígenas no começo do movimento até a Primeira Declaração. “Teníamos que pasar por una especie de transición interna; la de una organización político-militar urbana que es desplazada del poder por una organización colectiva, democrática, indígena, plural.” (Subcomandante Marcos apud LE BOT, 1997, p. 86)

---

<sup>9</sup> Período de crise econômica em Cuba que começou em 1989, em grande parte devido à dissolução da União Soviética e, por extensão, do COMECON, e que se estendeu ao longo dos anos 90.

Assim, também, o EZLN se viu na necessidade de adaptar-se às transformações causadas desde o 1º de janeiro. O zapatismo agrega a ideia, já usada por outros movimentos da época, de atuar em diferentes espaços, passando a utilizar-se de técnicas como pressão contra órgãos do governo, opinião pública que se forma, em grande parte, pelo trabalho da mídia que, segundo Marcos, “(...) a través de los periodistas, la gente de afuera descubre lo que hay detrás del ejército zapatista. Hay comunidades y están organizadas así y conocen a la gente, y descubren que es otro mundo.” (Subcomandante Marcos apud LE BOT, 1997, p. 87), além da construção de redes de apoio dentro e fora do país de atuação, entre outros.

Reiterando que o EZLN nunca deixou de lado seu caráter de luta armada, o movimento foi exitoso em perceber as condições que os cercavam e assim, construir seu relacionamento perante a sociedade civil, a opinião pública e os movimentos ao redor do mundo. Desse modo, segundo Yvon Le Bot, acontece uma espécie de alteração na estrutura do EZLN, um movimento armado que passa a ser um movimento político e civil, pela necessidade de modificar suas estratégias de ação, principalmente no que diz respeito à visualização do movimento pelos setores da sociedade civil.

Os zapatistas sempre deixaram claro que não buscavam o poder do governo no México, além de evidenciarem que “El EZLN es un ejército que desde el principio declara que está haciendo la guerra para conseguir una paz de otro tipo” (Subcomandante Marcos apud LE BOT, 1997, p. 84) Isso não impedia que o objetivo do grupo fosse alterar a situação de poder no México. Como já citado, buscavam retirar Carlos Salinas do poder e propor novas eleições. Embora o conceito de estado para os zapatistas não fique definido claramente, principalmente quando habituados a noções de Estado determinadas por outras formas de organização civil, é possível concluir que, para o grupo, o Estado é visto como uma instituição vinculada ao poder (NOLASCO, 1997). Para Alkmin, “(...) a questão que se colocava já não era a tomada de poder do Estado, em um sentido leninista, mas sim a diluição deste poder, isto é, o empoderamento das próprias comunidades indígenas frente ao Estado.” (ALKMIN, 2015, p. 126).

Desse modo, o EZLN se colocava contra como o Estado estava e vinha sendo gerido ao longo da história política do México, onde um grupo minoritário o instrumentalizava, usando-o a seu favor ao governar para a elite e não para o povo. Assim, para o grupo, suas reivindicações se relacionavam diretamente à esfera nacional, de modo que isso era o suficiente para que toda a população fosse incluída na luta, não apenas indígenas e camponeses. Atentar-se para a dimensão política nacional significava resolver as questões não só indígenas e de Chiapas, mas sim do México como totalidade (CRUZ, 2016). Até mesmo porque o governo de Salinas não era negativo apenas

para a população camponesa e indígena; Manuel Castells (2008) afirma que o presidente enquanto atuante (1988-1994) reduziu o salário dos trabalhadores mexicanos, afetando assim as condições econômicas da parte populacional que não se encaixava na elite mexicana. Na Segunda Declaração, ainda em 1994, o EZLN faz um apelo de caráter mais geral:

“Por eso llamamos a todos nuestros hermanos indígenas mexicanos a que resistan con nosotros. Llamamos a los campesinos todos a que resistan con nosotros, a los obreros, a los empleados, a los colonos, a las amas de casa, a los estudiantes, a los maestros, a los que hacen del pensamiento y la palabra su vida. A todos los que dignidad y vergüenza tengan, a todos llamamos a que con nosotros resistan, pues quiere el mal gobierno que no haya democracia en nuestros suelos. Nada aceptaremos que venga del corazón podrido del mal gobierno, ni una moneda sola ni un medicamento ni una piedra ni un grano de alimento ni una migaja de las limosnas que ofrece a cambio de nuestro digno caminar.” (EZLN, 10/06/1994)

### **1.1 A busca por uma autonomia zapatista**

Desde a Primeira Declaração, o EZLN vai empreender seus planos para conseguir, efetivamente, a conquista de suas reivindicações. Exemplo disso é a criação dos territórios autônomos em Chiapas e o desenvolvimento destes cotidianamente, através de ações iniciadas no mesmo ano do primeiro levante. Em agosto de 1994 é fundado o primeiro *Aguascalientes*, espaços construídos a fim de estabelecerem ligações com a sociedade civil, nacional ou internacional, com partidos mais à esquerda dentro da política mexicana, em busca de apoio na luta contra o Estado. (BRANCALEONE, 2015) Sabendo da importância da organização desses territórios, já em dezembro, os insurgentes iniciam a transformação das cidades chiapanecas conquistadas em espaços autônomos em relação ao Estado mexicano. Antônio Carlos Amador Gil comenta que

(...) ao se afastarem do objetivo da conquista do poder através da luta armada, os zapatistas privilegiam a construção de uma verdadeira democracia que possa dar conta de exigências éticas e as afirmações de identidade e que também leve em conta a construção de um poder comunitário condizente com a trajetória de história de vida das comunidades indígenas. Eles procuram as vias de invenção de uma democracia aberta aos atores sociais. (GIL, 2011, p. 33).

Buscando estabelecer esses espaços autônomos, fora da influência e do poderio estatal, o EZLN cria os Municípios Autônomos Rebeldes Zapatistas (MAREZ), que eram, em suma, um projeto alternativo de sociedade, construído aos poucos pelos insurgentes organizados.

Após uma primeira tentativa infrutífera de diálogo com o governo, e diante da imposição de um governador pertencente ao PRI, o EZLN declara terminada a trégua e sai de suas

posições na selva e nas montanhas rumo aos territórios habitados pelas bases de apoio zapatistas. (ORNELAS, 2005, p. 131)

A criação dos municípios autônomos era uma forma de materializar a luta zapatista, além de oferecer, também, uma representação simbólica desta. Enquanto território político, por sua vez, a configuração desses espaços se baseava também no respaldo jurídico, em conjunto de leis, a exemplo das “Leis Revolucionárias Zapatistas”, a “Lei Revolucionária Indígena” e “Lei Revolucionária das Mulheres”. Essa última, especificamente, além de seu sentido jurídico, representa também as mudanças propostas pelo EZLN no trato de suas problemáticas, hibridizando assim aquilo que era tido como tradicional com algo recente.

A Campanha “Paz com Justiça e Dignidade para os Povos Indígenas” iniciada em dezembro de 1994, revela cerca de 30 novos municípios autônomos, frutos da atuação do EZLN ao longo dos anos em busca de melhores condições de vida. Esses espaços autônomos se localizavam “dentro” daqueles chamados municípios oficiais, tais como Ocosingo e Las Margaritas. Esse processo, no entanto, não se deu de forma tranquila e com o cessar de ataques por parte do governo. A ofensiva militar de 1995, organizada sob o mandato do então presidente Ernesto Zedillo, por exemplo, buscava eliminar a ação do EZLN. Em 1998, o ataque se dirige aos Municípios Autônomos.

Para Ornelas, a criação desses espaços não diz respeito unicamente à questão da autonomia vinculada a um projeto político, mas principalmente a “um processo de criação autogestiva da vida social nestas comunidades” onde seus maiores méritos residem no fato de terem conseguido existir sob condições de perseguição, pobreza e hostilidade. (ORNELAS, 2005). Ainda assim, o EZLN busca o reconhecimento constitucional de sua autonomia por parte do governo. Sua pauta vincula-se à busca de uma identidade indígena, sim, mas também mexicana. Os espaços autônomos não buscam desvincular-se do restante do país, querem, na verdade, que a sua participação na política mexicana possa ser legítima e representativa.

Os zapatistas querem-se resolutamente mexicanos, indígenas mexicanos. A questão indígena é para eles uma questão nacional central, concebida numa perspectiva diferenciada de integração que não seja a assimilação. O movimento se destaca por procurar combinar o comunitário e o nacional, assim como o ser indígena e o ser mexicano. (GIL, 2013: 111).

As experiências autônomas buscam a existência de uma livre autodeterminação construída pelos indígenas. Para compreender como isso se dá, é essencial observar os movimentos realizados pelo EZLN durante o processo da construção desses espaços. As antigas cidades de Chiapas sofreram modificações em seus limites territoriais para que pudessem ser organizadas a partir de

afinidades étnicas e históricas, o que facilitava a tomada de decisões de forma mais democrática. De forma exitosa, os MAREZ, conseguiram estabelecer configurações sociais, políticas e econômicas que melhoraram as condições de educação, saúde, cultura, entre outros, da vida de seus habitantes. Segundo Alkmin, essa estrutura permitiu “(...) o fortalecimento de uma identidade territorial, contribuindo portanto a um sentimento de pertencimento ao município autônomo em questão.” (ALKMIN, 2015, p. 136)

É a comunidade autônoma, enquanto coletivo, que discute e define os aspectos da vida em conjunto, através de assembleias realizadas periodicamente com os povoadores, conselhos de representantes e autoridades tradicionais, além de conselhos de anciãos nos lugares que estes existem. O funcionamento do governo autônomo e de suas instituições se dá

(...) com base nas reuniões da comunidade, instâncias fortemente marcadas pelo que na teoria política se conhece como democracia direta, é erigido um sistema de representações que viabiliza as tarefas coletivas. O pertencimento a um Município Autônomo é competência exclusiva da reunião de cada comunidade. A instância seguinte é o Conselho Municipal, formado pelos representantes de cada comunidade que faz parte do município. Estes representantes participam em alguma das ‘comissões’ ou ‘comitês encarregados de tarefas específicas: justiça, assuntos agrários, saúde, educação, cultura, produção, entre as mais comuns. Além destas instâncias, o conselho conta com: presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro, encarregados pela coordenação do conselho. (ORNELAS, 2005, p. 136)

A existência dos MAREZ precede a concepção dos *Caracoles*<sup>10</sup> que tem sua existência declarada em 2003, que buscou intensificar o que já ocorria nos municípios autônomos sob influência do EZLN. Com o objetivo de criar relações entre as instâncias civis e militares dos municípios, também foram criadas as Juntas de Bom Governo (JBG)<sup>11</sup>, fruto de um trabalho vagaroso e feito em silêncio no que tange à comunidade civil. As JBG firmam-se como um órgão de administração que assume funções específicas que servem aos interesses do EZLN, por exemplo, servir como ponte entre as comunidades zapatistas e o resto do mundo, mediar possíveis conflitos, promover projetos, guiar visitas aos caracoles, entre outras. Renata Ferreira da Silveira esclarece que

Enquanto o EZLN guardava um período de silêncio em sua relação com a sociedade civil, os municípios rebeldes foram trabalhando cada vez mais a cultura de resistência e de autonomia, forjando territorialidades a partir da escala local/municipal e da sua organicidade. (SILVEIRA, 2016, p.10)

<sup>10</sup> Regiões administrativas dos municípios autônomos rebeldes.

<sup>11</sup> Grupos de membros eleitos democraticamente nas comunidades zapatistas para administrá-las. As Juntas de Bom Governo são integradas por “um ou dois dos delegados de cada Conselho Autônomo”, de modo que se preserva o vínculo direto com as comunidades (ORNELAS, 2005)

Na Segunda Declaração da Selva Lacandona, o EZLN comenta sobre a criação desses espaços, afirmando que

(...) Esse modo de governo autônomo não é apenas inventado pelo EZLN, mas vem de vários séculos de resistência indígena e da própria experiência zapatista, e é como o autogoverno das comunidades. Em outras palavras, não é que alguém de fora venha para governar, mas que o próprio povo decida, entre si, quem governa e como, e se não obedecer, o destitui. Ou seja, se o responsável não obedece ao povo, ele sai de sua autoridade e outro a assume. (EZLN, 10/06/ 2005)<sup>12</sup>

A organização se dava e ainda se faz presente, de maneira a superar alguns dos problemas que surgiram durante a construção da autonomia zapatista, uma vez que se necessitava de uma coordenação regional para facilitar não só a comunicação mas também a execução de projetos. Desse modo, o esquema apresentado pelo EZLN para superar as dificuldades observadas anteriormente foi o seguinte: um caracol, sendo constituído de variados municípios rebeldes, cuja integração é feita por meio de delegados enviados à sua Junta de Bom Governo. As Juntas, por sua vez, com a função de coordenar regionalmente os municípios autônomos ao exercer as responsabilidades já citadas anteriormente. Isso era feito com o objetivo de, além de intensificar a experiência autônoma, possibilitar que os municípios pudessem focar na administração local (habitação, saúde, trabalho, terra, etc.) Foi assim que o EZLN conseguiu que cada região pudesse ter três níveis de governo: regional, municipal e comunitário. (BRANCALEONE, 2009)

A existência dos Caracoles relaciona-se com o desligamento do EZLN nas funções de “governo”, que passa a exercer um papel de guardião dentro das comunidades, e com a vontade de não intervir diretamente no exercício do governo. A concepção desses espaços relacionava-se com a vontade de

(...) organizar, en vez de los aguascalientes, los llamados caracoles, nombre de la sede del territorio geográfico que regirían cinco Juntas de Buen Gobierno en los municipios autónomos. (...) se encerraba una pedagogía del zapatismo hacia la sociedad civil. Ante la negativa del estado mexicano de dar pleno reconocimiento a los derechos indígenas y hacer realidad legislativa los acuerdos de San Andrés, los zapatistas anunciaban que harían realidad esos acuerdos en la práctica diaria. De hecho, de esta misma forma habían ido consolidando lentamente sus municipios autónomos. (ALONSO C.; ALONSO J. 2015, p. 208)

Todo esse momento de reparação do EZLN, em 2003, após um período de reclusão - e construção - a divulgação das JBG e dos Caracóis, revelam uma postura de caráter cada vez

---

<sup>12</sup> Este modo de gobierno autónomo no es inventado así nomás por el EZLN, sino que viene de varios siglos de resistencia indígena y de la propia experiencia zapatista, y es como el autogobierno de las comunidades. O sea que no es que viene alguien de afuera a gobernar, sino que los mismos pueblos deciden, de entre ellos, quién y cómo gobierna, y si no obedece pues lo quitan. O sea que si el que manda no obedece al pueblo, lo corretean, se sale de autoridad y entra otro. (EZLN, 2005)



mais político, evidenciando ainda mais a transformação que acontece no movimento desde o começo de sua existência. Tudo isso sendo feito defendendo a bandeira da autonomia do movimento indígena mexicano e o contínuo afastamento das instituições políticas. Exemplo simbólico disso é o fato de que, para a inauguração de seus caracóis e das JBG, nenhum integrante do governo ou participante de partidos políticos fora convidado.

Outro ponto importante a ser considerado é que, após o reaparecimento do EZLN, por volta de 2003, cerca de setenta e cinco organizações indígenas pelo país se reuniram em Chiapas e defenderam o modo como o EZLN organizava-se em busca da construção de autonomia. Estudaram os Caracoles e tentaram criar suas próprias organizações semelhantes às JBG's, uma vez que as enxergavam como um bom instrumento de democracia popular. (ALONSO; ALONSO, 2015, p. 185-186). O EZLN fora, naquele momento, para muitas comunidades indígenas, um movimento no qual poderiam se inspirar para, coletivamente, fazer crescer sua autonomia, assim como fizeram os zapatistas.

Parte fundamental da dinâmica da territorialização e criação das diferentes instâncias criadas para organizar o movimento se dá com a compreensão e priorização do consenso. A partir de sua própria realidade e de suas experiências, os residentes dessas comunidades compreendem a necessidade de que uma maioria chegue à mesma conclusão para determinados problemas dentro de seu território. Não apenas como uma solução mais rápida e prática para as demandas mas também como a “única possibilidade de sobrevivência, de resistência, de dignidade e de rebeldia” (Subcomandante Insurgente Marcos, 1994). Para Ornelas (2005) a “combinação de diferentes instâncias e formas de discussão, de representação e de vigilância é o fator que explica a vitalidade da autonomia zapatista”. (ORNELAS, 2005, p. 134)

A partir do diálogo, cria-se a possibilidade de encontrar os meios ideais para alcançar determinados fins. A palavra é, assim, central na dinâmica da construção da autonomia, da resistência e da luta zapatista. Deste modo, é o povo, “desde abajo” que constrói o movimento e que busca a revolução. Os de baixo estão presentes em todas as esferas e espaços dentro do EZLN. Mais do que isso, os de baixo são o Exército Zapatista de Libertação Nacional.

Junto ao movimento empreendido internamente, a ação do EZLN para com o externo se dá a partir de diferentes estratégias. Utilizando-se de algumas empregadas por outros movimentos sociais, a exemplo de reuniões e declarações públicas, construção de redes de comunicação, criação de canais de diálogos, entre outros, o EZLN não restringe seus canais de comunicação ao México. Aqueles que são familiarizados com o movimento conhecem a sua forma exitosa de comunicação pela internet, considerados pioneiros nesse tipo de

articulação, o EZLN começa desde 1994 a utilizar a internet para divulgar seus ideais. Foi assim que o movimento rompeu as barreiras geográficas e seu discurso alcançou diversas partes do mundo: bastava estar conectado.

O movimento podia dar sua própria versão do que acontecia em seu território e não estava 100% refém da opinião pública formada a partir das grandes corporações de mídia. Afinal, a internet era, naquele momento, um terreno ocupado por nenhuma força, como o Subcomandante Marcos se refere a este espaço na década de 90. Um espaço tão novo que ninguém poderia pensar que uma guerrilha podia chegar ali.

Dos anos 90 para os atuais tempos, a dinâmica e o alcance do uso da internet sofreram grandes modificações, por isso hoje, o EZLN conta com seu próprio site, mas também possui ligação com diversas páginas em diferentes redes sociais, a exemplo das plataformas Facebook e Instagram. É a partir desses meios que aqueles de fora podem acompanhar algumas das atividades realizadas pelo EZLN, ler seus comunicados e declarações, a opinião dos zapatistas sobre diversos temas, além de sua rica produção literária sobre a qual iremos nos debruçar a seguir.

*Cuando no sepas qué es lo que sigue, ayuda  
mucho el mirar para atrás.*  
(Viejo Antonio)

## 2. “NUESTRA ARMA ES NUESTRA PALABRA”: A LITERATURA ZAPATISTA

A produção literária latino-americana abriga os mais variados gêneros, temáticas e formas textuais. Dos romances aos poemas, existe um mundo a ser explorado por um leitor atento. Para alguns autores, a literatura da América Latina do século XX ligada à política e objetivamente engajada, por sua vez, floresce, a partir da Revolução Cubana de 1959. Para Jorge C. Castañeda, a Revolução ocorrida na ilha representou o apogeu da esquerda intelectual latino-americana e conseqüentemente, de sua produção. (CASTAÑEDA, 1994) O momento era propício para a criação de uma nova literatura. Uma literatura e um discurso engajados na transformação da sociedade.

De Gabriel Garcia Márquez e Vargas Llosa, passando por Julio Cortázar e Mario Benedetti, encontram-se as mais variadas produções da língua espanhola. O leitor pode aproveitar o realismo fantástico de Gabo e o romance de Cortázar, chegar à melancolia de Benedetti e à rica produção de Bolaño e talvez não notar proximidades quanto ao desenrolar das histórias. Unem-se, no entanto, a partir da transformação revolucionária ocorrida no território cubano e um suposto despertar revolucionário por toda a América. O período que se estende entre os anos 60 e 70 foram marcados pela relevância da temática revolucionária, não apenas na produção como também na vida de alguns literatos, em especial os já citados acima<sup>13</sup>, que representam o “boom” literário hispano-americano. A partir de Cuba e sua efervescência política e cultural, muitos autores adotaram a ilha como centro norteador de suas ações. Gabo visitou-a assim que tomada pelos socialistas, Benedetti chegou a fazê-la sua morada.

Para Cortázar, a chegada de uma revolução socialista na América Latina representava o fim da exploração do homem pelo homem. Segundo Carlos Fuentes, o intelectual latino-americano daquele tempo enxergava na revolução a possibilidade de um respirar, de livrar-se do sufoco causado pela civilização moderna, representada pela junção do capitalismo norte-americano e das oligarquias locais. Para o autor, no momento da revolução, a inteligência dos países latino-americanos se situa majoritariamente no campo da esquerda. (FUENTES, 1969) As possibilidades da construção de um “mundo melhor” encarnaram-se nas mentes da esquerda intelectual e

Esse “encantamento” criado a partir da revolução, entre intelectuais e o regime socialista cubano, seria responsável pela elaboração de textos belíssimos e apaixonados. Textos que, por construírem a revolução socialista como a solução para os problemas da América Latina, semearam pelo continente o sonho da utopia revolucionária. (VIEIRA, 2001, p.7)

---

<sup>13</sup> Os três autores citados possuíram relação íntima com a Cuba revolucionária. Próximos de Fidel, fizeram constantes visitas à Cuba. Gabo e Benedetti tinham casas na ilha.

Os textos produzidos nessa fase e nesse espectro político, deveriam ser responsáveis por criar uma conscientização do público sobre o contexto que viviam, buscando assim uma noção coletiva de luta a partir do enriquecimento intelectual causado pelas obras. (VIEIRA, 2001, p.7) Estava reservado a esse grupo falar e pensar sobre os problemas da América Latina e unir o povo sob a identidade latino-americana e também, revolucionária. Para esses autores, seu papel diante da revolução e dos acontecimentos desencadeados em Cuba restringia-se ao campo do escrever e falar. Não do campo da luta armada.

A utilização da literatura como denúncia e reflexão da realidade ganha destaque nesse período e torna-se também uma identidade da produção literária latino-americana, além de uma influência para autores futuros e suas produções. O maior representante da literatura do EZLN, o Subcomandante Marcos, é símbolo disso. No entanto, Marcos possui uma vivência e um repertório que lhe permite alcançar outros lugares no discurso e na prática literária, que o diferenciam dos autores que reservaram suas ações ao plano intelectual. É sobre esse aspecto que iremos nos dedicar a seguir: compreender como o universo literário zapatista é construído a partir da luta armada, das condições reais, da vivência comunitária indígena e como este é utilizado em busca do sucesso do movimento de libertação nacional. “Um mundo onde caibam todos os mundos”<sup>14</sup>, clamam os zapatistas. Como buscar esse mundo? Quais peças devem ser movidas para que isso seja alcançado? E por fim, como dialogar com outros mundos?

## **2.1 Oralidade, tradição e cosmovisão**

No capítulo anterior, buscou-se trazer um apanhado de informações que dessem conta da criação do EZLN e sua existência enquanto um grupo que lutou, desde o começo, para alcançar sua autonomia, entendendo aqui que autonomia se refere tanto a um espaço territorial e geográfico, como político. No capítulo presente, discutiremos sobre uma dentre as tantas formas de luta apresentadas pelo EZLN: sua literatura. Para isso, o conceito de literatura aqui será empregado a partir de Antônio Cândido, que a define como

todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CÂNDIDO, 2011, p. 176)

---

<sup>14</sup> Tradução nossa “Un mundo donde quepan otros mundos”. EZLN, 1996.

Além disso, consideramos também a fala de Pesavento que ao comentar sobre a relação de história e literatura diz que “A literatura é, no caso, um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas.” (PESAVENTO, 2006, p. 2)

Antes de chegarmos ao objetivo desse capítulo, ou seja, a literatura produzida pelo Exército de Libertação Nacional Zapatista, principalmente a produção do Subcomandante Insurgente Marcos, é preciso destacar o uso da palavra escrita dentro da comunicação do grupo. Bagnoli (2019) diz que a utilização da palavra escrita como ferramenta é uma exceção dentro das culturas indígenas latino-americanas, que tem em sua maioria, a oralidade como principal forma de conservação de identidade de luta. Por historicamente se diferenciar dos movimentos de esquerda dentro da América Latina pelo fato de em seu seio a participação indígena ser fundamental, o EZLN não apenas recusa o poder institucional, mas “revoluciona o próprio conceito de poder no seio da cosmovisão dos povos herdeiros da palavra maia” (BAGNOLI, 2019).

Pensando a literatura como arma do combate zapatista, ao discutir sobre o poder desta dentro do EZLN, Hilsenbeck Filho (2013) comenta que “A produção literária é uma das facetas do conflito comunicativo, pois contém um significado estético, didático e político, contribuindo para a apreensão da realidade e de suas contradições.” (HILSENBECK FILHO, 2013, p.83) A figura do Subcomandante Marcos sobressai e ganha holofotes quando se fala de produção literária zapatista e do próprio movimento zapatista. É ele o responsável por criar, em seus comunicados, um universo de personagens e histórias que se baseiam nos mitos maias, na luta zapatista, na convivência dentro das comunidades autônomas, entre outros temas. O que Marcos faz é uma reapropriação da palavra oral dos ancestrais. (BAGNOLI, 2019) Reafirmando os valores indígenas, busca-se a criação de uma alternativa ao sistema capitalista, aos tentáculos do neoliberalismo que espalharam-se pelo México, e aos valores advindos de um sistema de produção que se baseia na exploração do homem pelo homem.

Para complementar ainda mais aquilo que se entende como produção literária zapatista, nada mais interessante do que utilizar as palavras do próprio Marcos, que diz que o EZLN utiliza-se da literatura para

tentar explicar, através do coração, as ideias que eram destinadas à cabeça. Procurava uma maneira de explicar o que éramos e o que pensávamos, sem cair nos mesmos erros. Durito, como o Velho Antônio ou as crianças zapatistas que aparecem nos contos, era uma personagem que, no lugar de explicar, fazia intuir a situação na qual nos encontrávamos (...) não queríamos construir um discurso sentimentalista, apolítico ou contrário à teoria, procurávamos apenas recolocar a teoria ao nível do ser humano, da vida, de partilhar experiências vivenciadas sobre as quais refletir (Subcomandante Marcos apud LE BOT, 1997, p. 151-152)

Marcos foi, por muitos anos, visto como o líder do EZLN. Importante deixar claro que essa noção parte do exterior para o interior do movimento, não o contrário. Transportando o senso comum baseado nas instituições “ocidentais” que se tem sobre aquilo que é considerado líder e ao comentar essa diferença dentro das comunidades indígenas, Pierre Clastres diz que “O chefe está a serviço da sociedade. É a sociedade em si mesma – verdadeiro lugar do poder – que exerce como tal sua autoridade sobre o chefe” (CLASTRES, 2003, p. 223). Desse modo, embora sua figura esteja atrelada à noção de liderança, por conta de suas aparições e falas, o Subcomandante Marcos é um representante de sua comunidade e seu porta-voz. E é reivindicando esse espaço dentro do movimento que “El Sup” criou um universo literário que abrange diversos temas, personagens, mitos e história.

No primeiro capítulo mencionamos o fato de que o movimento foi e é construído dentro das comunidades por pessoas indígenas e não-indígenas, com Marcos participando desse segundo grupo. Para Bagnoli, esse fator dá ainda mais profundidade à relação entre oralidade e escrita dentro do discurso político do EZLN.

O discurso político, de facto, apresenta-se por si só como uma fusão entre os recursos estilísticos da escrita e os tons mutáveis da oralidade que, juntando a herança da cosmovisão maia, conseguiram alcançar uma vitalidade que permite ao zapatismo sobreviver até hoje não obstante os contínuos ataques dos diferentes governos mexicanos e dos grupos paramilitares. (BAGNOLI, 2019, p. 52)

Para compreender a força dessa relação, faz-se necessário relembrar, rapidamente, os diversos processos de alfabetização ocorridos na América Latina. Do espanhol ao português, os colonizadores impuseram sua cultura e sua língua e a adoção da palavra escrita era imperativa, uma vez que se relacionava aos interesses destes, desde questões religiosas até políticas e comerciais. A violência empregada nesse processo é tanta que, até hoje, diversas línguas indígenas desapareceram, pouco a pouco. Ao redor do mundo, nos últimos 10 anos, mais de 100 línguas desapareceram.<sup>15</sup> Palavras se perderam, histórias também. Memórias que não mais serão reivindicadas. A utilização da escrita foi - e ainda é, em partes - o símbolo da dominação de uma cultura sobre a outra. A história, enquanto memória e identidade, foi, por muito tempo, garantida somente aos povos que apresentaram a escrita como sua principal fonte de comunicação.

É importante ressaltar que diversos grupos indígenas dentro da América Latina têm uma escrita desenvolvida de sua própria língua. Pensando, por exemplo, em comunidades

---

<sup>15</sup> MERINO, Cada 14 días muere un idioma. El País. Consultado no dia 2 de novembro de 2022 em [https://elpais.com/elpais/2016/12/26/viajero\\_astuto/1482746256\\_157587.html](https://elpais.com/elpais/2016/12/26/viajero_astuto/1482746256_157587.html)

localizadas no atual centro-sul mexicano, a exemplo da cultura olmeca, que desenvolveu um sistema de glifos e códigos, pode-se concluir que assim como outras comunidades, tinha seu próprio sistema de escrita. A questão aqui presente, no entanto, ao se pensar na obrigatoriedade da alfabetização imposta durante os processos de conquista, diz respeito à utilização e à autoridade em se falar – e escrever – na língua do dominador.

Para Pierre Clastres, por muito tempo, a antropologia, principalmente a política, ao estudar as ditas sociedades primitivas, as analisava sob uma ótica política euro-americana. Assim, ao não encontrar nesses grupos um modelo replicado daquele utilizado pelas sociedades ditas superiores, não reconheciam o sentido da história desses povos. Ao não encontrar, por exemplo, um Estado centralizado e utilizador de poder coercitivo, as definia partindo de um lugar de falta. “Gente sem fé, sem lei, sem rei.” Gente sem história. Gente sem escrita.

Entendendo então o peso da escrita para as comunidades que tradicionalmente utilizaram-se da oralidade para comunicar-se, como então utilizar-se não só da língua escrita, mas da língua do dominador para transmitir a sua própria história?

## 2.2 A ponte entre passado e presente: El Viejo Antonio

Um dos caminhos utilizados por alguns grupos é o que recentemente vem sendo chamado de oralitura, que busca unir a tradição oral com o uso da escrita. O poeta mapuche Elicura Chihuailaf foi o primeiro a utilizar tal termo ao definir a conexão da entre a memória dos antepassados – oral – com a vivência dos de hoje, que aparece sob a forma escrita. Presente e passado estão assim conectados, do mesmo modo que a vivência indígena e a sociedade ocidental. Para Chikangana, a função de quem produz a oralitura é, então,

“(…) ser ponte entre a terra e o cosmos, ser uma ponte entre o oral e o escrito, ser uma ponte entre nossas sociedades com palavra transmitida por gerações e a sociedade nacional, ponte entre nossas línguas e o espanhol.”<sup>16</sup> (CHIKANGANA, 2017)

Os ancestrais e a nova geração unem-se, desse modo, e aparecem juntos na escrita. No caso da produção literária zapatista, os textos de ficção permitem que os leitores conheçam o mundo da fantasia criado por Marcos que, por sua vez, se apoia nas histórias compartilhadas

---

<sup>16</sup> “ser puente entre la tierra y el cosmos, ser puente entre lo oral y lo escrito, ser puente entre nuestras sociedades con palabra transmitida por generaciones y la sociedad nacional, puente entre nuestras lenguas y el español.” Tradução nossa. Chikangana, F. (2017). Indígenas y oralitura como resistencia ante el olvido. Revista ERRATA. N°18 “Los derechos de los vivientes”, Bogotá.



em comunidade. Talvez o exemplo mais claro dessa conexão se dê através de um personagem muito conhecido àqueles que já leram as histórias do EZLN: “el viejo Antonio”. O ancião indígena aparece dialogando diretamente com El Sup. Conversam sobre os antigos deuses, sobre o tempo em que os homens ainda começavam a caminhar sobre a terra, sobre a vida em comunidade.

El Viejo Antonio ajuda o leitor a conhecer as velhas lendas mayas, seus deuses, suas imagens e exige que os zapatistas não se esqueçam de suas mais antigas raízes e heranças e, através de conversas com o Subcomandante Marcos, traz sempre a palavra de antigos deuses, palavra da tradição, palavra que não pode ser esquecida, que precisa ser sussurrada e divulgada. (NASCIMENTO, 2003, p. 2)

“El Viejo Antonio carraspeó y se decidió por fin a encender el cigarro y la palabra.” (EZLN, 1996) Envolto em misticismo e na fumaça de seus cigarros, o velho Antonio traz consigo os antigos deuses e antigos homens. El Sup escuta atentamente suas histórias para que depois possa repassá-las. É na figura do ancião que está resguardada uma característica que precisa ser observada ao se falar de oralidade e escrita enquanto literatura e política: a aliança entre passado, presente e futuro. Essa característica fica muito clara quando o velho homem convida Marcos para ouvir histórias de um passado distante e incerto. Passado esse onde o próprio Antonio, quando mais novo, era convidado a ouvir as mesmas histórias, da boca de um outro ancião.

A oralidade presente nas comunidades indígenas dos povos do sudeste mexicano representa a sua memória coletiva, garante a manutenção de sua identidade. As práticas sociais e espirituais são repassadas desse modo. Para isso, por sua vez, faz-se necessário a existência daqueles que, ao serem guardiões da cosmovisão, têm o papel de escutar e espalhar tais histórias. Para o EZLN e sua literatura, quem exerce esse papel é o velho Antonio. Oralidade, passado e presente. A partir disso, buscar construir o futuro e um mundo. Um mundo onde caibam todos os mundos. “Dice el Viejo Antonio que la lucha es como un círculo. Se puede empezar en cualquier punto, pero nunca termina” (MARCOS, 2013, p. 23).

Em 13 de dezembro de 1994, é publicada “La historia de las preguntas”.<sup>17</sup> Nela, El Sup repassa para as crianças zapatistas mais uma história que lhe foi contada por Antonio, há muitos anos. Instigado pelos questionamentos do velho indígena, Marcos lhe conta quem eles são. Fala de Zapata e de Villa. Fala da revolução, da terra, fome, e da injustiça. Antonio pede que ele conte mais um pouco sobre Zapata e Marcos, o faz. Lhe fala do Plano Ayala<sup>18</sup>, da

<sup>17</sup> Disponível em <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/12/13/la-historia-de-las-preguntas/>

<sup>18</sup> Em 1911, os zapatistas lançaram o Plano de Ayala, que buscava a reforma agrária mexicana. Muitos dos movimentos sociais que lutam por terra se inspiraram no Plano de Ayala ao longo do tempo.

traição de Chinameca<sup>19</sup> e de outros eventos passados. Quando El Sup se cala, el viejo Antonio o surpreende ao dizer que aquilo que Marcos terminou de contar não é a verdadeira história. A partir daí, começa a contar a sua versão.

No relato de Antonio, realidade e lendas maias se envolvem num entrelaçado tão interessante que atravessam os limites do real e suspensas no ar, como a fumaça saída da boca do ancião, atingem o campo da imaginação do leitor. Emiliano Zapata, líder da revolução mexicana, é quase metafísico e ganha conotações divinas e sua história se mistura à dos deuses Votán e Ik'al, que representam a noite e o dia.

(...) el Ik'al y el Votán aprendieron que era lo mismo y que podían hacerse uno sólo en el día y en la noche y cuando se llegaron hasta acá se hicieron uno y se pusieron de nombre Zapata y dijo el Zapata que hasta aquí había llegado y acá iba a encontrar la respuesta de a dónde lleva el largo camino y dijo que en veces sería luz y en veces oscuridad, pero que era el mismo, el Votán Zapata y el Ik'al Zapata, el Zapata blanco y el Zapata negro, y que eran los dos el mismo camino para los hombres y mujeres verdaderos. (EZLN, 1994)

Para Bagnoli, ao utilizar-se desses artifícios, “a literatura zapatista consegue desmascarar o véu que o poder põe sobre a realidade.” (BAGNOLI, 2019, p. 62) Criam assim uma maneira eficaz de se comunicar, dão mais força à mensagem que querem transmitir, utilizando-se dos mitos para explicar o universo indígena ao público ocidental. Alterando então o sentido de alguns episódios históricos, Marcos subverte o discurso historiográfico e legitima versões alternativas dos fatos e divulga novas interpretações. (ARAÚJO, 2011) Para o Subcomandante, “Lo que hacía el viejo Antonio, que traducía el mundo indígena para Marcos, lo hizo Marcos para el exterior, usando los mismos recursos” (MARCOS apud LE BOT, p. 151)

O alcance político dos escritos de Marcos se dá, segundo Hilsenbeck Filho (2013), pelo fato de se diferenciar da forma dos discursos políticos comuns, panfletos ou tratados. A forma, a linguagem, as diferentes temáticas abordadas garantiram a Marcos destaque dentro da literatura latino-americana. Para Pellicer (1996), o que Marcos faz é uma escrita “plurigenérica” que abarca aspectos sociais e étnicos, política e economia. Marcos bebe de duas fontes distintas para produzir o que aqui compreendemos como literatura do EZLN.

Apresentando-se como uma força não somente política, mas também poética, o zapatismo consegue revigorar a luta renovando as suas cores dia após dia. Porta-voz da palavra dos esquecidos, elo entre a ancestralidade, o presente e o futuro que o poder tenta anular, ponte entre os vivos e os mortos, entre os homens e a natureza, entre o sonho e a realidade. (BAGNOLI, 2019, p.56)

---

<sup>19</sup> Referência à traição sofrida por Emiliano Zapata que culminou em seu assassinato em 1919.

Não é necessário ler mais do que cinco histórias produzidas pelo Subcomandante para perceber distintas influências e referências presentes em sua produção. Para Hilsenbeck Filho (2013) uma destas influências é àquela literatura produzida em resposta ao colonialismo cultural. A mistura de elementos indígenas com técnicas europeias resultou no surrealismo e indigenismo presente, por exemplo, na obra Pedro Páramo, de Juan Rulfo. Apesar de Rulfo ser considerado o pioneiro do gênero na América Latina, é o colombiano Gabriel García Márquez que será o grande exportador do realismo fantástico que, por sua vez, irá influenciar também a forma e a temática da escrita de Marcos. Gabo é mestre em mesclar fantasia e realidade, em criticar as ditaduras e opressões, tudo isso com mágica, mitos e ironia. Assim também o faz El Sup. Sem perder de vista a realidade que precisavam criticar, analisar e modificar, se fala também da cultura e das lendas indígenas.

Ao utilizar-se do fantástico, Marcos tem a possibilidade de não se prender ao real. Pode navegar entre tempos e espaços, ressignificar a história, relacionar acontecimentos do passado de forma direta com o presente e apresentá-los de uma forma dialética, além de relacioná-los com as diversas possibilidades de futuro. (HILSENBECK FILHO, 2016) Indo mais além, a literatura de Marcos parte, bem como a construção do EZLN em geral, do ponto de vista daqueles “de abajo”. É a criação de um novo discurso, carregando a identidade coletiva de um povo, elevando seus valores e sua memória ao mesmo tempo que o mescla com novas características.

Os zapatistas não são fundamentalistas antimodernos, não rejeitam a democracia nem se remetem a uma espécie de fundamentalismo indígena. Pelo contrário, os zapatistas aceitam a noção de democracia, mas redefinem-na partindo da prática e da cosmologia indígena local, conceptualizando-a de acordo com a máxima “comandar obedecendo” ou “todos diferentes, todos iguais”. (GROSFUGUEL, 2008, p. 17)

Além de se exprimir na literatura zapatista, tal junção exprime-se também na construção do movimento. A Lei Revolucionária de Mulheres, por exemplo, representa essa transformação dentro das comunidades tradicionais. A partir delas, ficou estabelecido que as mulheres tinham o direito de decidir quantos filhos ter, de serem eleitas para cargos militares ou civis, além de não poderem ser obrigadas a casar. Para Ornelas (2005) tais formulações representavam uma revolução uma vez que a estrutura econômica, social e cultural das comunidades foi colocada em questão. Além disso, o mero fato de tal debate ter sido trazido à luz pelos zapatistas refletia um avanço no horizonte de transformação da luta, não só para o EZLN, mas também para outros movimentos. Junto a isso, é importante dizer que a literatura

não é utilizada apenas para divulgar histórias idealizadas, mas também para realizar autocríticas às próprias comunidades.

Em “Mortos Incômodos”<sup>20</sup>, el Sup fala da vivência das mulheres dentro dos espaços autônomos do EZLN e relata como sua vivência não é fácil. Faz isso para expor certas relações e evidenciá-las, não se sujeitando ao silêncio de não comentá-las. Reconhece os problemas internos e os coloca sob questão. Esse é mais um ponto no qual o EZLN diverge de tantos outros movimentos de esquerda, que buscam esconder suas contradições e tentam passar uma imagem imaculada para aqueles que os vêem externamente. Falar dessa característica faz-se necessário uma vez que não podemos compreender a literatura zapatista descolada da realidade, tanto interna quanto externa ao movimento. Num momento de triunfo do neoliberalismo e derrota massiva da esquerda a nível mundial, numa época em que se falava do fim da história, o EZLN se sobressai e se mostra como uma das “primeiras manifestações mundiais de ressurgência das lutas sociais e do pensamento crítico” (BASCHET, 2005, p.13)

A aspiração dos zapatistas a construir uma alternativa de esquerda se traduziu num movimento de contestação geral da dominação simbólica, a nível regional, nacional e internacional, que buscou sacudir os valores estabelecidos e questionar o indiscutido e o evidente. (ARAÚJO, 2011, p. 7)

A emancipação política do EZLN relaciona-se diretamente com a sua produção literária. Entre comunicados e avaliações de conjunturas, estão textos fictícios, poemas, histórias que mesclam a realidade com a fantasia. Até agora mencionamos um importante personagem do universo literário criado pelo Subcomandante Marcos, o velho Antonio, representante da cosmovisão maia, das tradições, da oralidade e dos valores indígenas. A ponte entre o passado e o presente.

Falemos então, de um outro personagem, aquele que representa um outro lado da literatura de Marcos e do EZLN: Don Durito de Lacandona. E como não poderia ser diferente, dediquemos assim um espaço reservado para falar só dele, o grande herói, o bravo, o ousado e destemido Durito.

---

<sup>20</sup> Livro de suspense policial escrito pelo Subcomandante Marcos e o autor Paco Ignacio Taiba II, conhecido por escrever biografias de Pancho Villa e Che Guevara.

### 2.3 Don Durito de Lacandona - a luta do cavaleiro andante

Um dos trunfos de Marcos ao escrever é o de mesclar diferentes estilos literários. É saber jogar com as formas da língua, com o humor e a ironia. As provocações são presentes em diversos de seus textos. O personagem que mais representa esse lado d'El Sup é o escaravelho Durito, el caballero andante. Se pudesse acompanhar-nos nesta escrita, esse personagem jamais permitiria que usássemos poucas palavras para descrevê-lo. Mais do que isso, ordenaria que criássemos diversas notas de rodapé para que toda sua grandeza fosse bem retratada, nenhuma palavra poderia faltar. É assim que é Durito. É assim que Marcos o cria “(...) As notícias de suas façanhas correram o mundo e milhões de mulheres suspiram por ele, milhares de homens o nomeiam com respeito e centenas de milhares de crianças o admiram.”<sup>21</sup> (EZLN, 25/12/1995)

O revolucionário Don Durito, montado em seu cavalo-tartaruga, de nome Pégaso, é protagonista das histórias mais divertidas do universo literário zapatista. Ele é um inseto, sim, mas é um inseto perigoso, armado, pronto para destruir o neoliberalismo e conclamar a revolução. Mais do que isso, Durito é a representação do humano com seus ideais, ironia, prepotência e mal-humor. (NASCIMENTO, 2003)

Em “La historia de Durito”<sup>22</sup>, El Sup escreve sobre seu primeiro encontro com o escaravelho. Seguindo uma pequena trilha de tabaco que tinha caído, Marcos encontra o pequeno inseto, num escritório, sentado à mesa, lendo alguns papéis e fumando um pequeno cachimbo. Chamando a atenção de Durito, até então um desconhecido, Marcos lhe informa que aquele era seu tabaco. O escaravelho o olha de cima abaixo e com uma expressão de incômodo dirige-se ao homem: “Por favor, capitão, lhe suplico que não me interrompa. Não percebe que estou estudando?” (EZLN, 10/04/1994)<sup>23</sup>

Questionado por Marcos sobre o que está lendo, Durito lhe responde que estuda o neoliberalismo e sua estratégia de dominação para a América Latina. El Sup fica curioso e continua fazendo perguntas para o escaravelho que diz se chamar Nabucodonosor, mas que, entre amigos, é apelidado de Durito. Conversam sobre os rumos da luta e o Subcomandante quer saber de seu interlocutor sua opinião, se irão vencer e em quanto tempo conseguirão tal triunfo. A resposta é de que vencerão, mas que isso levará muito, muito tempo. Não sabe

<sup>21</sup> “(...) vive asombrando a las estrellas que lo descubren en las madrugadas selváticas. Las noticias de sus hazañas han dado ya la vuelta al mundo y millones de mujeres suspiran por él, miles de hombres lo nombran con respeto y cientos de miles de niños lo admiran.”

<sup>22</sup> Disponível em <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/04/10/la-historia-de-durito/>

<sup>23</sup> As citações das histórias zapatistas são obtidas no site do Exército Zapatista de Libertação Nacional. As datas (dia, mês e ano) serão colocadas afim de facilitar o acompanhamento do leitor no site e iremos referenciá-las no formato a seguir: EZLN, dia/mês/ano da publicação no site [enlacezapatista.ezln.org.mx](https://enlacezapatista.ezln.org.mx)

responder com precisão no entanto, uma vez que “Hay que tomar en cuenta muchas cosas: las condiciones objetivas, la madurez de las condiciones subjetivas, la correlación de fuerzas, la crisis del imperialismo, la crisis del socialismo, etcétera, etcétera.” (EZLN, 10/04/1994)

É já em sua primeira aparição que Durito mostra seu lado político, falando não da luta armada, mas das análises estruturais necessárias para a continuidade do movimento e sua consequente “vitória”. O escaravelho observa as condições materiais, as crises do imperialismo e do socialismo para dizer que a luta não é imediata e que a vitória chegará, mas sob o custo de muito tempo. A preocupação de Durito sobre o avanço do neoliberalismo na América Latina é mostrada não apenas nas histórias mas também em cartas que *el caballero andante* escreve ao longo dos anos. Essas cartas, por sua vez, relacionam-se diretamente com acontecidos, como se fossem uma resposta a algo e até mesmo a alguém.

Em 1996, a Human Rights Watch, organização internacional não governamental que realiza pesquisas sobre os direitos humanos, publica uma matéria intitulada “TORTURE AND OTHER ABUSES DURING THE 1995 CRACKDOWN ON ALLEGED ZAPATISTAS”<sup>24</sup>. Era a denúncia do que ocorrera no território do EZLN. O México de 1995 era comandado por Ernesto Zedillo, do PRI, sucessor de Gotari, mencionado no capítulo anterior. É Zedillo quem determina, no dia 9 de fevereiro do mesmo ano citado, que operações militares sejam realizadas dentro do território zapatista, sob a justificativa de que foram descobertos esconderijos e armas que faziam parte de planos violentos do EZLN.

O CCRI-CG responde a mensagem de Zedillo, também no dia 9:

Respecto de la seria acusación que hace el señor Zedillo contra nuestro EZLN señalando que nos negamos al diálogo y preparábamos una serie de actos violentos para extender nuestro territorio, declaramos firmemente que es una falsedad. La disposición al diálogo y a una solución justa y digna al conflicto ha sido demostrada en las declaraciones de nuestros dirigentes y en las acciones de distensión acordadas con el secretario de Gobernación en el encuentro del 15 de enero de 1995. En todo momento el EZLN ha dado muestras de su disposición a una salida política, justa y digna, al conflicto. El supremo gobierno, en boca de su representante Esteban Moctezuma Barragán, no hizo sino mentirle al pueblo de México y mentirnos a nosotros. (EZLN, 09/02/1995)

No final do comunicado, os zapatistas deixam a mensagem que “Lutaremos de pé, de pé morreremos, mas nunca mais voltaremos a viver de joelhos” (EZLN, 09/02/1995)<sup>25</sup> Marcos está entre os membros do EZLN citados por Zedillo e sua identidade é revelada, identificando-o como um não indígena e nem chiapaneco, a quem é destinada ordem de prisão por diversos crimes, dentre eles motim, rebelião, conspiração e porte de arma exclusivo do

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.hrw.org/legacy/reports/1996/Mexico1.htm>

<sup>25</sup> “Pelearnos de pie, de pie moriremos, pero no volveremos a vivir, nunca más, de rodillas” Tradução nossa.

exército. Na carta dirigida diretamente a Zedillo, publicada no dia 10 de fevereiro e sobre as ameaças contra Marcos, o CCRI-CG responde:

Subcomandante Marcos ha estado con nosotros, al lado del pueblo, desde hace más de 11 años, a vivido, ha comido igual que nosotros, a sufrido igual que nosotros y cada paso que ha ido dando nuestra lucha zapatista se ha hecho con la decisión de nuestros pueblos, nuestra lucha es justa y no le tememos señor Zedillo. (...) Nosotros los indígenas conocemos bien al subcomandante Marcos y no permitiremos que nada le pase, y si le pasara algo, no nos quedaremos con los brazos cruzados, porque los zapatistas no traicionamos a la sangre de nuestros muertos. (EZLN, 10/02/1995)

Em comunicado publicado no dia 12 de fevereiro<sup>26</sup>, o CCRI-CG afirma que junto à população civil chiapaneca, tem evitado o confronto com as forças do governo e reiteram que o discurso de Zedillo sobre estabelecer um diálogo com os zapatistas é mentiroso. Já no vigésimo dia do mês<sup>27</sup>, publicam que, apesar dos esforços por parte do EZLN para evitar conflitos, o governo continua “aumentando suas incursões na Selva Lacandona, apertando os cercos militares estratégicos e táticos, e continuando com as prisões arbitrárias e o assassinato de civis.” (EZLN, 20/02/1994)

A ofensiva do governo mexicano contra os zapatistas e seu território foi, segundo o EZLN, mais uma consequência das políticas econômicas adotadas pelo México em sua subserviência aos Estados Unidos, representado majoritariamente pelo acordo do NAFTA. Para eles, Zedillo é um traidor da pátria. Em mensagem direcionada ao presidente, o EZLN afirma: “todo o dinheiro que você recebe dos Estados Unidos é gasto para matar os mexicanos, você, senhor Zedillo, está vendendo pedaço por pedaço do nosso país” (EZLN, 10/02/1994)

É nesse contexto de ofensiva militar por parte do governo mexicano durante os primeiros meses do ano de 1995 que é publicado “Durito II (El neoliberalismo visto desde la Selva Lacandona)” (EZLN, 11/03/1995). Nesse conto, Marcos e Durito conversam sobre as estratégias de luta adotadas nos últimos tempos. Sobre os ataques do governo e o recuo das tropas do EZLN, El Sup confessa seu desapontamento consigo mesmo: “Eu acreditei que o governo queria sim o diálogo. Quando nos atacaram, estávamos discutindo as condições do diálogo. Nos surpreenderam. Me surpreenderam.” (EZLN, 11/03/1995)

---

<sup>26</sup> Disponível em:

<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1995/02/12/ccri-queremos-decirles-nuevamenete-que-no-nos-rendiremos-que-resistiremos/>

<sup>27</sup> Disponível

em:

<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1995/02/20/tropas-federales-cercaron-a-civiles-del-ejido-la-grandeza/>

Depois de folhear umas anotações e pensar um pouco, o escaravelho responde que o problema de Marcos é o mesmo de muitos outros. A doutrina social econômica e social conhecida como neoliberalismo. Complementando sua explicação, diz-lhe

¡Es un problema metateórico! Sí, ustedes parten de que el “neoliberalismo” es una doctrina. Y por “ustedes” me refiero a los que insisten en esquemas rígidos y cuadrados como su cabeza. Ustedes piensan que el “neoliberalismo” es una doctrina del capitalismo para enfrentar las crisis económicas que el mismo capitalismo atribuye al “populismo”. Certo? (EZLN, 11/03/1995)

E continua:

¡Claro que cierto! Bien, resulta que el “neoliberalismo” no es una teoría para enfrentar o explicar la crisis. ¡Es la crisis misma hecha teoría y doctrina económica! Es decir que el “neoliberalismo” no tiene la mínima coherencia, no tiene planes ni perspectiva histórica. En fin, pura mierda teórica. (EZLN, 11/03/1995)

El Sup não consegue estabelecer a relação do que Durito lhe diz com o assunto que primeiro comentavam, a retirada das forças zapatistas e recuo diante do governo. Muito tranquilamente, como se fosse óbvio, lhe esclarece: “Vai explodir. Bum! Como um balão que infla demais. Isso não tem futuro.” (EZLN, 11/03/1995) Para Durito, o neoliberalismo chegará ao fim por não ter forças para se sustentar e com muita certeza afirma que os zapatistas - e o fala de modo que inclui-se no grupo - irão vencer. Ironicamente, Marcos lhe pergunta “vamos?” e recebe a seguinte resposta:

¡Claro que “vamos”! Está visto que no van a poder sin mi ayuda. No, no pretendas poner reparos. Necesitan un superasesor. Ya estoy aprendiendo francés, por aquello de la continuidad. Yo me quedo callado. No sé qué es peor: si descubrir que nos gobierna la improvisación o imaginarme a Durito de supersecretario de gabinete en un improbable gobierno de transición. (EZLN, 11/03/1995)

Seguem conversando e ainda a fim de tirar as dúvidas que lhe restam, El Sup pergunta a Durito de onde ele tirou a ideia de que o neoliberalismo seria a crise transformada em doutrina econômica. A resposta que recebe é um livro que explica a doutrina econômica de Carlos Salinas Gortari, do PRI, presidente do México de 1988 a 1994, sendo Ernesto Zedillo, do mesmo partido, seu autor. Percebendo então a continuidade da política mexicana demonstrada por Durito, Marcos questiona se não há, então, ruptura. Durito compara o sistema político mexicano a um galho fraco que paira sobre a cabeça d’El Sup e diz-lhe:

El sistema político mexicano apenas si está prendido a la realidad con pedazos de ramas muy frágiles. Bastará un buen viento para que se venga abajo. ¡Claro que, al caer, va a pasar a llevar otras ramas y cuidado el que esté bajo su sombra cuando se desplome! (EZLN, 11/03/1995)



Marcos ainda lhe pergunta: E se não houver vento? E dando-lhe esperanças, o escaravelho responde: “‘Haverá... haverá’ lhe diz Durito e fica pensativo, como se olhando o amanhã.” (EZLN, 11/03/1995)

Nesse encontro é possível observar as diversas características daquela que é a literatura de Marcos, principalmente quando se fala do personagem Durito. Nos pequenos trechos destacados pode-se observar análises sobre teoria e conjuntura política, crítica ao neoliberalismo e ações do próprio EZLN. Isso é feito com pitadas de humor e ironia, o que torna a leitura fluida, faz o leitor se divertir, refletir sobre as condições da luta zapatista e mais, ter esperança no futuro.

Além da questão política latente nas publicações que envolvem o personagem, Durito é um romântico, um sonhador. Inspira homens, conquista mulheres. É o Dom Quixote de Cervantes, um cavaleiro andante que vive uma vida de aventuras a fim de provar seu valor. Ele próprio define-se:

Don Durito de La Lacandona, caballero andante, desfacedor de entuertos, inquieto sueño de las féminas, aspiración de los varones, último y más grande ejemplar de esa raza que engrandeció a la humanidad con tan colosales y desinteresadas hazañas, escarabajo y guerrero de la luna (EZLN, 07/8/1995)

El Sup é o Sancho Pança, a quem Durito nomeia como seu escudeiro, em cerimônia digna dos grandes reinados: de pé sobre uma pedra, bradando um galho (ou Excalibur, a espada de Durito!) na direção do Subcomandante.<sup>28</sup> É para El Sup que Durito confessa algumas de suas histórias, até as de amores desiludidos. Um desses que é, inclusive, a razão pela qual ele tornou-se um cavaleiro andante. Explicando a Marcos, diz que “(...) una mujer es la culpa de mi desvarío, herida en mi costado, razón de mi desvelo, causa de mi pena, y responsable de mi desventura.” (EZLN, 04/04/1995) E continua descrevendo seu drama: “(...) que es ley divina que un gallardo caballero andante, triste vague por el mundo y por la vida, y muera suspirando por alguna Doña ausente que, criminal adorable, le ha robado, con tan sólo una mirada, el entendimiento todo.” (EZLN, 04/04/1995)

Através de Durito, Marcos desconstrói o idealizado guerrilheiro sem manchas em sua história e o aproxima do real, das condições de luta e das questões subjetivas pertencentes ao ser humano que fazem de cada um guerreiros zapatistas. Nem heróis nem super-homens. Representantes das ambiguidades do mundo. Para o Subcomandante, o trabalho de Durito é

---

<sup>28</sup> Presente em “Durito: La espada en la piedra”. Disponível em: <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1995/04/04/durito-la-espada-en-la-piedra/>

(...) impedir que los zapatistas se vean a sí mismos como la gente les dice que son. Porque hay gente que nos ve como modelos, como grandes héroes y siempre hay que estar recordando que somos seres comunes y corrientes, que estamos aquí por accidente, pero no tenemos nada especial. (SUBCOMANDANTE MARCOS apud LE BOT, 1997, p. 152)

Os zapatistas devem enxergar a si próprios como comuns, devem fazê-lo para manterem-se com os pés no chão tanto em relação a si como para com os outros. Ao zombar de Marcos ao longo dos contos, seja por sua aparência, seja por sua ingenuidade diante de alguns temas, Durito

(...) Satiriza o ridiculiza el esquematismo del Marcos urbano, universitario. Cómo se vino a romper y cómo vino a enfrentarse con una realidad que era completamente nueva y fue derrotado. En un determinado momento, Durito tiene la función de sanear el zapatismo, bajarlo de la nube de fotógrafos, de los reflectores, del sex appeal, etcétera... De volverlo otra vez a la realidad. (SUBCOMANDANTE MARCOS apud LE BOT, 1997, p. 152)

Numa relação quixotesca, Durito e Marcos ao “ocuparem” os papéis de Dom Quixote e Sancho Pança, subvertem o discurso do lugar comum que foi criado em torno da figura de Marcos e que foi utilizado por muitos para deslegitimar sua figura e seu papel dentro do movimento. Durito é Sherlock Holmes, Marcos é seu amigo – e escudeiro – Watson. É Marcos quem sofre por estar na natureza e na selva, vítima destas e de suas limitações. Ele não é o grande herói e líder dos zapatistas e em muitos momentos aparece até mesmo subordinado a Durito. Para Berghe (2007), o Subcomandante Marcos produz uma criação literária que busca o equilíbrio entre pedagogia e entretenimento.

Em seus escritos, percebe-se a transposição do cotidiano, das vivências, dos ideais e objetivos que os movem para um formato comunicativo literário, auxiliando na compreensão de táticas e estratégias de luta. Podemos denominar a literatura zapatista como um grande leque de manifestos, contos, poemas, cartas, pós-escritos e análises políticas em que se cruzam lendas, fatos históricos e cotidianos, personagens, pensamentos e estratégias políticas. (HILSENBECK FILHO, 2017, p.81)

Para o autor, a característica de mesclar política e literatura conferiu ao EZLN seu alcance enquanto potência literária. Com a escrita do Subcomandante Marcos, abrochou a possibilidade de estabelecer contatos com grandes nomes da literatura mundial, que não apenas apoiaram a luta zapatista, como também contribuíram com sua produção literária, a exemplo de Eduardo Galeano, do português José Saramago, do uruguaio Mario Benedetti, entre outros. No livro “As Vozes do Espelho”<sup>29</sup> esses autores se unem para escrever contos e

---

<sup>29</sup> Do original “Las voces del espejo”, o livro foi apresentado no Brasil no Fórum Pan-Amazônico em Belém do Pará e no II Fórum Social Mundial, em Porto Alegre.

poemas inspirados em desenhos feitos pelas crianças da selva Lacandona. Emprestam suas palavras para escreverem, junto aos zapatistas, sua história.

O estilo adotado por Marcos abriu a possibilidade de diversas pessoas, em variados cantos do mundo, identificarem-se com a causa zapatista, possibilitando a criação de redes internacionais de solidariedade e engajamento. De traduções a composições musicais, passando por contos narrados e escritos e por intervenções de artes plásticas, a solidariedade aos zapatistas encontra ressonância e ecos em múltiplas formas. (HILSENBECK FILHO, 2013, p.12)

O autor explica que o sucesso da comunicação zapatista, incluindo aqui a literatura, se dá pelo fato de que o EZLN conseguiu se distanciar do discurso baseado exclusivamente numa lógica militar e que tal característica, por sua vez, é fruto do desenvolvimento da organização política do movimento: uma construção lenta. Os guerrilheiros marxistas tiveram que, diariamente, compreender as especificidades da realidade em que viviam; uma realidade indígena, comunitária. Tiveram que traduzir suas teorias, aprenderam a ouvir para poder falar. “Conta Eduardo Galeano, o grande escritor uruguaio, que Rafael Guillén, antes de tornar-se Marcos, veio a Chiapas e falou aos indígenas, mas eles não o entenderam. ‘Então meteu-se na névoa, aprendeu a escutar e foi capaz de falar.’” (SARAMAGO, 2001)

Explicando a razão pela qual escrevia seus contos, Marcos diz que havia uma necessidade de transformar o discurso para que as comunidades indígenas conseguissem compreendê-lo a partir daquilo que os militantes urbanos desejavam e o que os indígenas precisavam. “No era cuestión de analfabetismo, sino de cómo esa cultura asimila todo a través de símbolos. Sin ser dogmático o militar, no era posible imponer, adoctrinar, que se aprendieran de memoria, en lugar de la doctrina religiosa, la doctrina marxista-leninista.” Completa dizendo que

Nosotros no podíamos dirigir un discurso al bolsillo de la gente. No teníamos nada que vender. Ni a la cabeza no podíamos aportar nada al análisis que ya existía, pero sí a su corazón, que era la parte más olvidada. No al sentimiento, no estamos hablando de que queríamos construir un discurso sentimental, apolítico, o ateoórico, o antiteórico, sino que queríamos bajar la teoría al nivel del ser humano, de lo vivido, compartir con la gente las vivencias para poder reflexionar en seguida. (MARCOS apud LE BOT, 1997, p. 152)

A palavra é, assim, uma forma de conectar os zapatistas com os mais diversos setores da sociedade civil mexicana, os movimentos de esquerda latino-americana, pessoas que se interessem pela luta zapatista, enfim, com o mundo.

Dos nossos corpos nus e despedaçados deverá surgir um mundo novo. Será que o veremos? É importante vê-lo? Acho que isso não é tão importante como saber que ele nascerá e que, no longo e doloroso parto da história, nós contribuimos com alguma coisa ou com tudo: vida, corpo e alma (MARCOS apud LE BOT, 1998, p. 47-48)

A produção literária, por sua vez, é capaz de mostrar o passado, o presente e a esperança no futuro. É ela quem nos conta que, para os zapatistas, é possível fazer a luta com respeito aos pares e ao diferente, com humor, com amor, poesia e música. Dançando com os deuses antigos e com os homens e mulheres do presente. Sem esquecer daqueles que vieram antes, que trilharam outros caminhos e que buscavam, também, construir um mundo onde coubessem todos os mundos.

Compreendida então as diversas dimensões que a literatura zapatista alcança além de sua preocupação com o passado, presente e futuro, no capítulo seguinte, nos dedicamos a analisar um nicho mais específico de sua produção. Fazendo isso a partir do público destinado, analisamos algumas das histórias que se relacionam com importantes personagens e atores da luta zapatista: as crianças.

*Já se vê o horizonte,  
combatente zapatista,  
o caminho marcará  
àqueles que vêm atrás*

(Canção zapatista)

### 3. O ZAPATISMO E AS CRIANÇAS

“E aqueles que eram crianças naquele janeiro de 1994, são jovens que têm crescido na resistência, e têm sido formados na digna rebeldia levada adiante por seus pais nestes 12 anos de guerra.” (EZLN, 30/06/2005)

O trecho acima é parte da Sexta Declaração da Selva Lacandona. Nela, o CCRI-CG reafirma quem são os zapatistas do EZLN, relembra ao mundo pelo que lutam, denuncia a violência do governo mexicano contra os grupos marginalizados do país e a falta de compromisso do governo para com as pautas indígenas. Ainda diz que:

E acontece também que nossos insurgentes, insurgentas, milicianos, milicianas, responsáveis locais e regionais, bem como as bases de apoio, que eram jovens no início do levante, já são homens e mulheres maduros, combatentes veteranos e líderes naturais em suas unidades e comunidades. (EZLN, 30/06/2005)

E continua: “Estes jovens têm uma formação política, técnica e cultural que não tínhamos quando iniciamos o movimento zapatista” o que evidencia como alguns dos líderes do movimento naquele junho de 2005 eram as crianças de 1994 que, ao longo da convivência dentro dos espaços do EZLN, tiveram sua formação política e cultural voltada para a criação de um mundo mais justo. Um mundo onde caibam todos os mundos.

É indispensável ao pensar não apenas na formação política dos jovens zapatistas, mas até mesmo sua existência, que muitos deles são frutos de famílias que têm seu envolvimento com o EZLN desde antes da década de 90, da aparição ao mundo, quando o movimento ainda era embrionário e se formava contra a injustiça e desigualdade. Outros, por sua vez, ainda durante a primeira fase da infância, adentram ao território e à luta zapatista com seus pais, avós, tios e irmãos. Muitos dos “niños” zapatistas carregam consigo o legado de serem netos e filhos de militantes do EZLN.

Datado do mês de fevereiro de 1996, o comunicado intitulado “El Diálogo de San Andrés y los Derechos y Cultura Indígena” evidencia as dificuldades da construção do diálogo com o governo para a realização dos acordos de San Andrés<sup>30</sup> sobre os direitos indígenas. Várias eram as reivindicações dos zapatistas, que não tiveram suas demandas atendidas pelo governo mexicano, uma vez que este não cumpriu o que fora acordado nas negociações. Durante todo o diálogo, o EZLN denuncia que as forças militares foram, além de mantidas, aumentadas no território, direcionando-as contra os indígenas. Por sua vez, os

---

<sup>30</sup> Acordo onde o governo mexicana se comprometera aceitar as demandas indígenas que buscavam, por meio constitucional, legislação a favor da autonomia dos povos indígenas e seus direitos políticos e culturais. O que acontece, no entanto, é que o “mau governo” não cumpre o acordado e além disso, em 1997, sob o mandato de Zedillo, ordena uma ação militar que resulta em cerca de 45 indígenas mortos em Acteal.

representantes do governo responsáveis pelo diálogo durante as negociações, apresentaram comportamentos racistas e de desdém para com os integrantes do EZLN.

Todo esse cenário fez com que, diante da negativa do governo em cumprir lealmente os acordos firmados, os zapatistas compreendessem que teriam que criar as condições para a garantia de seus direitos políticos e culturais a partir da mobilização social e articulação com outras organizações indígenas. Os zapatistas sabiam que não podiam confiar e depender do governo ou dos partidos, inclusos aqui os partidos da esquerda mexicana. Precisavam, então, agir autonomamente.

Foi então que nos demos conta de que o diálogo e a negociação com os maus governos do México foram em vão. Ou seja, não é conveniente que falemos com os políticos porque nem seu coração, nem sua palavra agem direito, mas estão cheios de tramóias e soltam mentiras de que vão cumprir, mas depois não cumprem. (EZLN, 2005)

Ainda na “Sexta”, o CCRI-CG diz que os zapatistas se puseram a pensar sobre o que fazer.

A primeira coisa que vimos é que o nosso coração já não é como era antes, quando começamos nossa luta, mas sim que é maior porque já tocamos o coração de muita gente boa. E também vimos que o nosso coração está mais ferido. E não é que está ferido pelos enganos que os maus governos nos fizeram, mas sim porque quando tocamos os corações de outros tocamos também suas dores. Ou seja, foi como vermo-nos num espelho. (EZLN, 30/06/ 2005)

Como mostrado no primeiro capítulo, a busca pela construção autônoma de seu território se deu em meio à violência do governo investida contra a população, a pobreza e exclusão dos povos indígenas. É importante pensar que as primeiras gerações de crianças nascidas e criadas dentro do EZLN tinham em sua volta um cenário de instabilidade política, social e educacional. Excluídos pelo governo, as condições de saúde eram precárias, assim como as condições educacionais, que precisaram ser construídas, pelos próprios membros, pouco a pouco, dentro do território zapatista. Tudo isso começa com o “mandar obedecendo” e a construção das JBG, comentadas anteriormente nesse trabalho.

O EZLN decidiu então pelo cumprimento, sozinho e de sua parte (ou seja, isso que se chama de “unilateral” porque é só de um lado) dos Acordos de San Andrés quanto aos direitos e a cultura indígenas. Durante 4 anos, desde meados de 2001 até meados de 2005, nos dedicamos a isso (...) começamos então a implantar os municípios autônomos rebeldes zapatistas, que é como se organizaram os povoados para governar e governar-se, para tornarem-se mais fortes. (EZLN, 30/06/ 2005)

Para Morel (2018), o espaço escolar era destinado a fortalecer as organizações autônomas. A busca pelo *chanel*<sup>31</sup>, a educação verdadeira, passa pelo caminhar perguntando<sup>32</sup>, pela relação dos zapatistas com a terra e com o cosmos que, cada um à sua maneira, refletem a dinâmica de uma cosmopolítica zapatista. Desse modo, as escolas, construídas ao passar dos anos, exercem um papel que ultrapassa a noção pedagógica existente dentro dessa instituição originalmente ocidental e que muito se distancia da educação proposta pelo estado mexicano, uma vez que a “La educación de los de arriba es pensada desde arriba, nadie pregunta lo que queremos aprender, cuáles son nuestras necesidades” (MOREL, 2018, p. 501) É importante reiterar que a educação zapatista se dá em diversos momentos e ambientes, não apenas dentro de um espaço físico compreendido como escola.

Aqueles já nascidos ou integrados desde cedo ao território e comunidade zapatista alguns anos após seu início sentem dificuldade até mesmo em imaginá-lo sem determinados espaços, como é o caso de Juan que surpreende-se quando sua mãe lhe conta sobre as condições da comunidade na época que esta ainda se formava: “Mi mamá dice que no había nada (...) puro monte, ¡ni escuela, ni botiquín autónomo, nada! (...)”<sup>33</sup>

Para Montoya, “Juan expressa sua surpresa porque não havia escola nem centro de saúde autônomo. Ao crescer imerso na autonomia, os espaços construídos pelas bases zapatistas são corriqueiros e para as crianças, é inimaginável viver sem eles.”<sup>34</sup> (MONTROYA, 2016, p.24) Por isso, o avô de Juan, José diz que

Le contamos del peligro y el sufrimiento al niño no para asustarlo, ni lastimar su corazón sino para que sepa su historia, conozca nuestra tierra, nuestra vida como indígena. Aunque no muy entienda, su corazón lo guarda, cuando sea grande lo va a investigar, buscar en libros y va a ver que es cierto lo que le contaron sus padres. (MONTROYA, 2016, p.24)

Ainda segundo Montoya, não espera-se, no entanto, que a criança acredite em tudo que lhe é dito mas sim que guarde a história em sua memória e possa investigá-la, analisá-la, questioná-la e se for convencida, transmitir a história de seu povo para novas gerações, uma

<sup>31</sup> Palavra em tzotzil que pode ser entendida como “aprender” ou “conhecer” ou “realização”. É a educação baseada na integração e no aprender entre humanos, animais e natureza. (Morel, 2018)

<sup>32</sup> Segundo Morel (2018) a prática do caminhar perguntando, dentro do zapatismo, é vista dentro das salas de aula a partir do modo como as aulas se desenvolvem. Nesse “sistema” as perguntas são fundamentais e se baseiam na realidade que os cerca, assim como nas necessidades coletivas. Por isso se distancia tanto da educação convencional e estatal mexicana que se baseia em uma sistematização com conteúdos pré-estabelecidos e determinados pelos “de cima”. Ideias e propostas aparecem durante o caminhar, juntas.

<sup>33</sup> Trecho de entrevista realizada por Angélica Rica Montoya em 2015 e publicada no artigo “Narrativas de violencia y resistencia de las infancias zapatistas: Educación autónoma y contrainsurgencia en Chiapas” na Revista Argumentos, Universidad Autónoma Metropolitana, México.

<sup>34</sup> Do original “Juan expresa su sorpresa porque no había escuela ni centro de salud autónomo. Al crecer inmerso en la autonomía, los espacios construidos por las bases zapatistas son cotidianos y para los niños, resulta inimaginable vivir sin ellos.”



vez que “A memória coletiva e os conhecimentos ancestrais são usados na educação zapatista e na socialização comunitária para explicar a luta e a resistência dos povos rebeldes”<sup>35</sup>(MONTROYA, 2016, p.24)

Ao se pensar na criação de memórias e na educação das crianças dessas comunidades, cidades ou pequenas vilas que vieram a ser incorporadas pelos zapatistas a seu território, é preciso observar que aquele espaço que em outrora fora de responsabilidade do governo mexicano, passa a ser organizado pelos membros do EZLN. A partir do 1º de janeiro de 1994, desse modo, esses territórios sofreram mudanças quanto à sua organização. As escolas estavam incluídas nessas alterações. Muitos dos professores e dos profissionais da educação deixam seus postos nesses espaços para nunca mais retornar. Para Zavaleta *et al.* (2016), por uma junção de fatores como o isolamento das comunidades e a violência sofrida nesses espaços é fato que em 1996 a falta de professores do ensino básico era um problema visível.

Desse cenário vai surgir uma proposta educacional que não se alinha aos valores de uma educação liberal que preza o individualismo e se mescla a características coloniais e racistas.

(...) crianças e jovens "indígenas", especialmente aqueles dos povos nativos, em particular tradicionalistas, têm menos oportunidades na estrutura socioeconômica, dentro de uma sociedade neocolonial como a mexicana. Sociedade tradicionalmente excludente e discriminatória, que estabelece um padrão de mestiçagem em que índios, afrodescendentes e mestiços, e até mesmo os descendentes dos crioulos ou estrangeiros, têm uma posição predefinida culturalmente, a qual, sem ser definitiva, influencia fortemente a população em geral (...) (ZAVALETA *et al.*, 2016, p.2)

A proposta zapatista, ao se afastar de certos valores vigentes numa sociedade estruturada na exclusão e discriminação das minorias sociais, cria uma educação baseada nas comunidades, compartilhando a cultura, as práticas e valores zapatistas, e os espaços educacionais vão sendo reorganizados e reabertos gradualmente. Saindo assim do controle governamental sobre a educação das comunidades, o EZLN desenvolve a sua a partir do conceito de autonomia que lhes é tão importante sem depender de regulamentações externas.

A educação autônoma visa a aumentar entre os jovens a consciência de sua realidade social, econômica e política, a partir de sua experiência como rebeldes zapatistas: por que eles estão lutando, o que é a luta zapatista, o que é a justiça, o que é o companheirismo. (ZAVALETA *et al.*, 2016, p.7)

As crianças zapatistas são integradas à comunidade desde seu nascimento. É preciso sempre estar atento que, dentro do território do EZLN, convivem diversos grupos indígenas, que podem enxergar a socialização das crianças de diferentes maneiras. Entretanto,

<sup>35</sup> Tradução de “La memoria colectiva y los conocimientos ancestrales son usados en la educación zapatista y en la socialización comunitaria para explicar la lucha y resistencia de los pueblos rebeldes.”

compreendendo que estas constituem o território zapatista, pode-se inferir que certas práticas são comuns a todos que o habitam. “Desde pequenas, as crianças zapatistas participam das atividades sociais, políticas e culturais do município autônomo e da comunidade, saem para passear e jogar fora de suas casas, para pescar e nadar (...)”<sup>36</sup> (MONTTOYA, 2021, p.10)

Para Montoya (2021), as crianças são sujeitos sociais que se apropriam do que observam e escutam. Suas práticas, brincadeiras e vozes são polifônicas, não transmitem apenas seus pontos de vista, mas também o de sua sociedade e sua cultura. São capazes de enxergar e compreender o que acontece ao seu redor. O livro “As vozes do Espelho”, citado anteriormente nesse trabalho, desempenha bem o papel de divulgar a visão das crianças zapatistas sobre o que ocorre em seu território.

Inspirados por desenhos feitos pelos “niños zapatistas”, autores como José Saramago, Mario Benedetti e Manuel Vázquez Montalbán emprestaram suas palavras à causa do EZLN e criaram histórias baseadas naquilo que os pequenos zapatistas desenharam, com armas e soldados se mesclando a elementos da natureza da selva Lacandona e a esperança da construção de uma vida melhor. O Subcomandante Marcos também se faz presente no livro com sua história intitulada “A História do Leão e do Espelho”. Não era a primeira vez, no entanto, que El Sup escrevia sobre crianças e para crianças. É sobre algumas dessas histórias que esse capítulo trata.

### **3.1 Los de abajo: As crianças zapatistas ouvem e falam**

No segundo capítulo deste trabalho, comentamos sobre algumas das características da escrita das histórias assinadas pelo Subcomandante Marcos. Através dos personagens Antonio e Durito, um velho indígena e um escaravelho ousado, respectivamente, pode-se notar a versatilidade daquilo que Marcos produz enquanto literatura. Histórias que se conectam, que conversam com a realidade presente, contadas com a utilização de diversos elementos narrativos foram publicadas ao longo do tempo e estão disponíveis na internet até hoje para serem lidas. Marcos criou um universo literário rico em tema e forma.

Marcos, em sua produção, faz questão de falar sobre “los de abajo”. Homens e mulheres que, desde os tempos de Zapata e até mesmo antes, quando comenta sobre os mitos de criação, colocaram seus pés sobre a terra e plantaram o milho, observaram as cores, as nuvens, outros homens e a transformação de seu mundo. E vai além, ou melhor, vai mais

---

<sup>36</sup> Tradução nossa. MONTTOYA, A. Ser zapatista a los 4 años. Socialización y subjetivación de niños tseltales. Disponível em: [doi.org/10.26512/lc27202136961](https://doi.org/10.26512/lc27202136961)

“abajo”. Sentado ao lado das crianças para ficar em sua altura e, talvez, conseguir enxergar algumas coisas do mesmo modo que elas, El Sup, como os personagens geralmente lhe chamam, escreve sobre e para “sus niños.”

As crianças criadas no EZLN se tornam, no futuro, os líderes do movimento e como o CCRI-CG pontua na Sexta Declaração, são eles que renovam o movimento, que são os responsáveis por injetar uma nova força na organização ao longo do tempo. Desse modo, é compreensível que em algumas das histórias publicadas pelo EZLN, as crianças sejam seus protagonistas e também seu público. Algumas dessas, por sua vez, são histórias que Marcos ouviu de Antonio e têm como missão repassá-las para as crianças zapatistas: “Por mi boca, cuenta en viejo Antonio”. As crianças são o público fiel dos contos de Marcos e é possível imaginá-las sentadas ao redor do Sup, em alguma casinha dentro da Selva Lacandona, atentas e lhe ouvindo.

Já em 1994, ano em que o Exército Zapatista de Libertação Nacional mostra-se ao mundo, diversas histórias com as crianças são publicadas. De novembro do ano citado, temos “La historia de las nubes y la lluvia”. É possível notar um padrão que tende a se repetir quando as crianças aparecem entre as cartas e comunicados do porta-voz do EZLN: se amontoam ao redor do Sup, aparecem de repente com perguntas e confusões como suas companheiras e acabam, sentadas ouvindo-o contar algo que ele ouviu da boca do velho Antonio. Marcos existe para essas crianças, assim, como uma ponte, reproduzindo o papel que outrora fora do ancião.

É comum que antes de narrar uma história, alguma situação ocorra entre El Sup e suas crianças. No caso da “História das nuvens e da chuva” os garotos estavam com o Subcomandante por conta de uma tarefa muito importante: a de fazer um vídeo, intitulado “Los transgresores de la ley contra los dinosaurios de Atlacomulco” para celebrar um ano do levante zapatista de Chiapas. Uma confusão se dá entre Heriberto e El Sup, uma disputa sobre quem tem mais apetrechos tecnológicos que só é findada porque Eva, irmã de Heriberto, pede que Subcomandante conte-lhes uma história que assim o faz, “(...) enciendo la pipa y el Heriberto y la Eva escuchan en cuclillas la historia que, por mi boca, cuenta el viejo Antonio...” (EZLN, 02/11/1994)

Intitulada “La Historia de las preguntas” esse é outro exemplo de história contada pelo velho indígena, que é passada aos pequenos por El Sup. Muitas dessas crianças aparecem recorrentemente na escrita de Marcos, como Heriberto e Toñita. O garoto é descrito num trecho como “El Heriberto, el chillido más rápido de la selva lacandona, el dibuja patitos anti-sup-marinos, el terror de las hormigas arrieras y el chocolate navideño, el consentido de

la Ana María” e Toñita como “La Toñita, la del beso renegado porque ‘mucho pica’, la de los dientes picados que cumple cinco y entra en seis, la consentida del Sup” (EZLN, 13/12/1994)

Além da repetida aparição desses e de outros personagens, o Subcomandante costura suas histórias entre si e um leitor atento consegue perceber como o autor as conecta. As crianças zapatistas vão crescendo dentro das histórias de Marcos e da comunidade do EZLN. Por exemplo, Heriberto é descrito como o “terror das formigas” em “La historia de las preguntas”, o que faz referência à outra, sendo essa datada de 27 de outubro de 1994, “La historia de los colores”, onde Heriberto é visto incomodando os pequenos insetos. A descrição de Toñita, por sua vez, tampouco é nova. A menina aparece anteriormente na história intitulada “El Viejo Antonio: ‘En la montaña nace la fuerza, pero no se ve hasta que llega abajo’” de 28 de maio de 1994 onde é citada: “(...) de 6 años y dientes picados, me ha dicho, con gran solemnidad, que sí me quiere pero que ya no me va a dar besos porque ‘mucho pica’” (EZLN, 28/05/1994)

Elementos do cotidiano são colocados na história e servem para que o leitor compreenda a relação d’El Sup com essas crianças, além de imaginar que algumas não são apenas personagens fictícios que representam as crianças, mas sim integrantes reais da comunidade, como no trecho a seguir:

cuando tiene que ir al puesto de sanidad, Toñita pregunta si está el Sup. Si le dicen que sí está, entonces no va a la enfermería. “Porque ese Sup puros besos quiere y mucho pica”, dice la inapelable lógica de los 6 años y; dientes picados que, del lado de acá del cerco, lleva el nombre de “Toñita”. (EZLN, 28/05/1994)

O objetivo aqui, no entanto, não é fazer uma investigação sobre o que ou quem é real ou não. O viejo Antonio, por exemplo, é citado por Marcos como uma pessoa real, um ancião que existiu e que conheceu muitos anos antes de 1994. La Toñita, por sua vez, aparece recorrentemente em comunicados que vão de 1994 até depois dos anos 2000, mas não pode-se precisar sua existência a partir dos textos publicados pelo EZLN. Para Pesavento (2003)

Seja a Literatura de cunho realista, dispondo-se a dizer sobre o real por forma da observação direta, fruto da vivência do escritor no seu tempo, seja por transfiguração fantasmática e onírica ou de criação de um futuro aparentemente inusitado, seja pela recuperação idealizada de um passado, distante ou próximo, a Literatura é sempre um registro - privilegiado - do seu tempo (PESAVENTO, 2003, p. 38)

O que nos importa aqui é observar como Marcos articula em sua escrita, diversos elementos da realidade zapatista, críticas ao sistema de poder vigente, valores indígenas e políticos do movimento quando fala de suas crianças.

Já num comunicado datado de 11 de março de 1995 destinado à imprensa, o Subcomandante Marcos condena as investidas violentas do governo mexicano contra a comunidade zapatista que, destruindo e incendiando casas, ataca a casa da própria Toñita, como el Sup diz:

¿Cómo se llama el general del Ejército Federal que, antes de retirarse del ejido Prado, ordenó destruir todo lo utilizable en las casas de los indígenas y quemar varias chozas? (...) ¿Sabía el general que una de las casas que ordenó destruir era la casa de la Toñita? (EZLN, 11/05/1995)

Em meio à denúncia do ocorrido, Marcos utiliza de sua escrita para retratar o que a pequena Toñita, enquanto uma criança, sente ao ver sua casa destruída:

Hay una mujer pequeñita que no llora. La Toñita no dijo nada, no lloró, no gritó. Pasó por encima del tiradero y fue hasta un rincón de la casita, como buscando algo. Ahí, en una esquina olvidada, estaba la tacita de té, rota, botada como esperanza deshecha. (EZLN, 11/05/1995)

Marcos conta que Toñita encontrou sua casa destruída por aqueles que dizem defender a soberania e a legalidade e reforça que a criança não chora, não grita e nem diz nada. No entanto, ao sair do lugar onde ficava sua casa, ao passar por sua mãe e irmão chorando e se sentar no chão para tentar consertar sua xícara, a menina

(...) hay un brillo helado y duro en su mirada. Brutalmente, como desde hace 500 años las mujeres indígenas, la Toñita deja de ser niña y se hace mujer. Es 8 de marzo de 1995, día internacional de la mujer, y la Toñita tiene 5 años, entrada en 6. El frío y cortante brillo de su mirada rescata, de la tacita de té rota, destellos que hieren. (EZLN, 11/05/1995)

De 23 de dezembro de 1995, a pequena história chamada “Del amor, el desamor y otras necesidades” retorna à Toñita e sua xícara. Dessa vez, no entanto, não relaciona-se diretamente com algum ocorrido como da outra já citada. A menina aproxima-se do Subcomandante para apresentar-lhe sua nova xícara e:

(...) Sin anestesia, me suelta que... El amor es como una tacita de té que cada día se nos cae al suelo y se quiebra en pedazos, de madrugada se juntan los pedazos y, con un poco de humedad y tibieza, se pegan y hay tacita de nuevo. El que está enamorado se pasa la vida temiendo la llegada del día terrible en que la tacita estará tan rota que ya no será posible unirla. (EZLN, 23/12/1995)

Relacionando as duas histórias e o modo como Marcos apresenta o comportamento da garota, podemos observar como o seu próprio personagem dentro do universo, El Sup, se

surpreende e aprende com "La Toñita". É possível enxergar uma maturidade por parte dela em interpretar e perceber o que lhe acontece, seja sobre a luta, seja sobre o amor, o desamor e outras necessidades. A frase “sin anestesia me suelta que (...)” reforça como o Subcomandante ficou surpreso com a fala de Toñita e como foi levado a refletir sobre o tema por conta do que ouviu. Marcos enquanto interlocutor, sempre se mostra atento ao que ouve, seja de cavaleiros andantes ou de crianças de seis anos de idade, evidenciando como as conversas, o diálogo, o enriquecem enquanto humano e enquanto integrante do Exército Zapatista de Libertação Nacional.

### **3.2 “Los diablos del novo siglo”: a cansativa tarefa de cuidar das crianças zapatistas**

A maioria das histórias que se ligam diretamente às crianças zapatistas apresentam um tom mais sentimental, sem deixar o tom crítico de lado. Em “Los diablos del novo siglo” ou em português “Os diabos do novo século”<sup>37</sup>, publicada em 2001, Marcos já começa dizendo que tal texto não é político e por ser sobre as crianças zapatistas, fala de amor e guerra.

As crianças podem produzir guerras e amores, encontros e desencontros. Magos imprevisíveis e involuntários, as crianças brincam e vão criando o espelho que o mundo dos adultos evita e repele. Têm o poder de modificar seu entorno e transformar, por exemplo, uma rede velha e esfarrapada num avião moderno. (EZLN, 19/02/2001)

Nesse conto, Marcos reivindica a memória de crianças indígenas esquecidas e abandonadas pelo governo e pela modernidade. Denuncia a pobreza, a desnutrição e a fome que levam à morte diversas crianças das montanhas do sudoeste mexicano, e homenageando uma delas diz “Com menos de 5 anos de idade, Paticha morreu de uma febre. Em poucas horas, uma febre queimou-lhe os anos e os sonhos.” (EZLN, 19/02/2001)

É nessa história que Marcos conta sobre seu encontro com o próprio Lúcifer, o anjo renegado e expulso dos céus. O diabo trata logo de explicar a situação, afinal, a versão que Marcos conhece é aquela contada pelo vencedor: Deus. Assim, o Subcomandante não sabe o que de fato aconteceu que, segundo o diabinho, fora um problema por condições salariais! A expulsão se deu simplesmente pelo fato dos anjos terem tentado organizar um sindicato trabalhista para reivindicar melhores condições e salários mais justos.

Já para explicar o motivo de estar no território do EZLN, Lúcifer lhe explica que, com o NAFTA em vigor, todas as crianças sob este TLC (Tratado de Livre Comércio) tinham

---

<sup>37</sup> Todos os trechos da história “Os diabos do novo século” aqui citados são de tradução de Arlandson Oliveira presente na Revista Gratuita, volume 3. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/gratuita-v-3-infancia/>

como proteção um anjo da guarda e tudo caminhava bem. O problema se inicia quando, em 1994, os zapatistas pegam em armas e começam a “(...) mudar tudo, até a memória divina. Porque até aqui Deus não se lembrava das crianças indígenas.” (EZLN, 19/02/ 2001) Assim como o poder do homem, o poder divino também esquecia e ignorava as crianças indígenas do México, só lembrando-se destas quando seu lugar foi reivindicado, no melhor estilo Garabombo.<sup>38</sup>

Com pouca mão-de-obra divina para cuidar das crianças zapatistas, Deus em um acordo injusto com o inferno, segundo Lúcifer, reabilita os diabinhos para cuidar das crianças até então esquecidas.

Marcos conta ao autor Eduardo Galeano sobre esse episódio, dizendo:

No México neoliberal do começo do século XXI, as crianças zapatistas são tão pobres que não chegam a ter um anjo da guarda. No lugar deste, levam consigo um diabo, um diabinho da guarda. Nas noites de tormenta entre as montanhas do sudeste mexicano, as crianças rezam: ‘Diabinho da guarda, doce companhia, não me desampares, nem de noite, nem de dia’ (EZLN, 19/02/2001)

Coube ao diabo, desse modo, em condições miseráveis, cuidar das crianças chiapanecas e não mais “apadrinhar líderes empresariais, de ‘inspirar’ o governador panista de Querétaro, de assessorar o bispo Onésimo Cepeda, ou de projetar a campanha pós-eleitoral da Fox” (EZLN, 19/02/2001) Lúcifer então ficou responsável por ser o diabo da guarda de diversas crianças, como Heriberto, Beto, Toñita, Eva, entre outros, além da dupla Olivio e Marcelo.

Nesse trecho a seguir é possível notar como as crianças, ao perceberem sua realidade e se tornarem conscientes disso, passam a buscar e questionar a si e aos outros sobre mudanças possíveis. O trabalho começou desesperador, segundo Lúcifer, ao ter que lidar com Beto e suas intermináveis perguntas:

Por que a cidade grande fica tão longe? É maior que Ocosingo? Qual é o tamanho do mar? Para que serve tanta água? Como vive o povo que vive no mar? De que tamanho é o estilingue que pode matar um helicóptero? Se o soldado tem sua casa e sua família em outro lugar, por que vem até aqui nos tirar nossa casa e nos perseguir? Se o mar é tão grande quanto o céu, por que não o viramos para que nele se afoguem os helicópteros e os aviões do governo? (EZLN, 19/02/2001)

---

<sup>38</sup> “Garabombo, el invisible” de Manuel Scorza retrata um indígena peruano que, depois de tempos sendo ignorado pelos poderosos, convence-se de que é invisível. Decide, então, começar uma rebelião, aproveitando-se assim da sua invisibilidade. O que acontece, no entanto, é que não demora para ser descoberto - ou visto - quando decide seguir esse caminho.

Lúcifer é incapaz de aguentar Beto e sua curiosidade aguçada que lhe fazia questionar tudo e passa a cuidar de Heriberto, a quem se refere assim: “Esse menino odeia a escola como o ministro da educação pública, e os professores como o líder sindical pelego.” (EZLN, 19/02/2001) Heriberto prefere brincar e caçar doces, e como o Sup bem sabe, tem o ouvido aguçado para o barulho de papel celofane que embrulha balas. Lúcifer não tem o pique necessário para aguentar a curiosidade de Beto nem a vida agitada de Heriberto.

E assim o “diabo da guarda” segue, em sua árdua tarefa de cuidar das crianças zapatistas. Sobre Ismita, Lúcifer não suportou ficar próximo de tanta generosidade. Andulio, por sua vez, tinha um sorriso muito angelical para que o diabo ficasse lhe guardando por muito tempo. Nabor, de 3 anos, é tão intratável que constrange até mesmo Lúcifer. Pedrito, nascido durante o Primeiro Encontro Intercontinental pela Humanidade e contra o Neoliberalismo, assim como Heriberto, não se agrada com a ideia de ir à escola. Além disso, fez do diabo seu cavalo e apertou-lhe muito as rédeas, o que terminou fazendo com que Lúcifer decidisse mudar para outro gênero “mais aprazível” de vez e cuidar de “La Toñita”.

Aqui, Marcos retoma à característica de Toñita já contada em outras histórias de rejeitar beijos e o amor que “muito machuca” e diz que isso não assustou o diabo, até lhe agradou; não lhe incomodou também o fato de Toñita ter se empenhado em cortar-lhe as asas e transformá-lo numa boneca, assim como faz com os milhos. O que o diabo não suportou foi “o contínuo quebrar e colar de xícara de chá que é a vida das meninas zapatistas...” (EZLN, 19/02/2011)

Depois de Toñita vem Eva, que além de fazê-lo assistir os filmes de Pedro Infante<sup>39</sup> mais de quinze vezes, bordou florzinhas e as letras “EZLN” nas asas do diabinho, que foi o suficiente para que ele partisse para a próxima garota, Chelita. Cuida também de Rosaura, conhecida pelos outros como Chagua, uma garota forte e feroz que acerta o pobre diabo com uma pedra no meio da testa, fazendo com que ele desista de ser seu guarda e passe a cuidar de Mariya. Essa última sendo reconhecida por todos por sua habilidade com o estilingue, derrota Lúcifer numa competição que, com sua autoestima abalada por uma garota, passa a cuidar de Regina. Sobre essa criança de 9 ou 10 anos que mais parecia uma adulta de 30 pelas responsabilidades que carregava, o diabo não aguentou o que ela aguentava: cuidar dos irmãos, trabalhar desde a madrugada cozinhando e queimando a ponta dos dedos virando tortillas.

---

<sup>39</sup> Ator e cantor de muito sucesso nos anos dourados do cinema mexicano citado como ídolo de algumas crianças zapatistas.



Em entrevista à Montoya (2016) Gabriela, uma indígena zapatista, conta que aos 8 anos, assim como a personagem Regina, precisava cuidar dos irmãos mais novos, colher e lavar o milho, assar tortillas que também lhe queimava os dedos. Percebemos, assim, que as histórias contadas por Marcos embora, algumas vezes, não sejam um relato biográfico, reflete as condições de vida dos indígenas.

Chegam, por fim, aos cuidados de Lúcifer, Olivio e Marcelo. Ou Capi rucho e Capirote. Para o Subcomandante Marcos, conhecendo ambos, sabia que “o trabalho de cuidar deles deixaria esgotado até o próprio Deus.” (EZLN, 19/02/2001)

O diabinho não conseguia aguentar a rotina da dupla de 7 anos e ao fim do dia estava cheio de espinhos e arranhões em suas asas por causa das andanças dos dois meninos, cansado de tanto vai e vem. A noite sequer era o suficiente para descansar. Capi rucho e Capirote são as últimas crianças zapatistas sobre quem o diabo exerce sua função de guarda. Renuncia de uma vez por toda sua responsabilidade de cuidar dessas crianças e diz a Marcos

É melhor que eu vá a Kosovo ou a Ruanda ou a qualquer outro lugar onde a ONU cumpre sua missão de promover guerras — disse Lúcifer enquanto se levantava. — Com certeza nestes lugares há mais tranquilidade. E, já prestes a afastar-se, ajuntou: — Ou à diocese de Ecatepec ou à cúpula empresarial mexicana, o que dá no mesmo. Lá há corrupção, mentiras, injúrias, roubos e todas estas maldades mais próprias dos diabos ortodoxos como eu. (EZLN, 19/02/2001)

Marcos, por sua vez, reforça a Galeano (ou Dom Eduardo) que: “Deus não vive entre as montanhas indígenas do México. E o diabo, nem que lhe pague...” Já no final da história, O Sub diz que

Não só neste povoado errante, em todas as comunidades zapatistas, meninos e meninas crescem e se tornam jovens e adultos em meio a uma guerra. Mas, contrariamente ao que se possa pensar, os ensinamentos que recebem de seus povoados não são de ódio e vingança, muito menos de desespero e tristeza. Não, nas montanhas do sudeste mexicano as crianças crescem aprendendo que “esperança” é uma palavra que se pronuncia coletivamente, e aprendem a viver a dignidade e o respeito ao diferente. (EZLN, 19/02/2001)

Quando na Sexta Declaração o CRI-CG fala sobre a formação política dos jovens zapatistas, pode-se inferir, erroneamente, aquilo que Marcos contradiz no trecho acima: que os pequenos sejam inflamados apenas com sentimentos de ódio e vingança. As crianças que são instruídas a pensar criticamente sobre sua vida e seu papel no mundo, são ensinadas, também, a vê-lo com esperança e sob uma perspectiva coletiva, só assim, então, podem imaginar um mundo mais justo e, conseqüentemente, buscar as condições para construí-lo.

Sobre isso, Montoya (2016) relata a história de Petul, um garoto que viu seu pai ser assassinado pelas forças militares comandadas pelo governo. O garoto, ao lembrar-se não

apenas do ocorrido mas também de reivindicar a memória de seu pai, comissário de um ejido, diz que quando os chinchulines<sup>40</sup> atacaram sua comunidade, o fizeram dizendo que iriam acabar com a semente zapatista. Essa semente, segundo seu pai, eram as crianças em resistência, as crianças zapatistas. Petul diz que não quer ser como seu pai, um homem de autoridade e sim um insurgente. É questionado, então, se isso não o assusta ou não lhe dá medo. Ao que responde: “Claro que me dão medo os tanques, as bombas, mas o que me dá mais medo é matarem minha mãe ou meus irmãos.”

En su narrativa, Petul no sólo remite a la violencia sino a un posible “proyecto de futuro”, en el que no se busca la venganza sin proteger a sus seres queridos. (...) Lo que nos permite entender la resistencia y compromiso con una lucha, por parte de los niños zapatistas, es que para ellos su seguridad está ligada a la unidad familiar, el cuidado del otro, el vínculo con la Madre Tierra y la organización. (MONTROYA, 2016, p. 18)

Através da história aqui narrada, observa-se a aproximação de Marcos com as crianças zapatistas, conferindo-lhe características comportamentais que só são conhecidas dentro da convivência em comunidade. Na defesa pela vida das crianças indígenas, o Subcomandante utiliza-se de seu talento com as palavras para mostrar que os pequenos, esquecidos pelos poderosos, são parte fundamental do EZLN, em seu modo de perceber a vida e a luta.

Talvez uma das diferenças entre estas crianças e as de outros lugares é que estas aprenderam a ver o amanhã desde pequenas. Mais e mais meninos e meninas continuarão crescendo entre as montanhas do sudeste mexicano. Serão zapatistas e, como tais, não chegarão a ter um anjo da guarda. Nós, “pobres diabos”, cuidaremos deles até que se tornem grandes. Grandes como nós, os zapatistas, os mais pequenos... (EZLN, 19/02/2001)

Em carta escrita também a Eduardo Galeano, datada de dois de maio de 1995, Marcos lhe diz que sentiu vontade de escrever ao refletir sobre o dia das crianças na comunidade zapatista.<sup>41</sup> Denuncia que as crianças passaram seu dia longe de suas casas, em más condições de higiene e sem festa alguma enquanto “os filhos dos donos do governo passam seu dia em festas e presentes. Os filhos dos zapatistas, donos de nada além de sua dignidade, passam seu dia brincando de soldados que recuperam as terras que o governo lhes tirou (...)” (EZLN, 02/05/1995) O motivo pelo qual as crianças não estão em suas casas já fora “tema” de outros

<sup>40</sup> Grupo paramilitar financiado pelo governo mexicano.

<sup>41</sup> O dia das crianças no México é comemorado no dia 30 de abril.

comunicados já citados nesse trabalho e datados desde março de 1995 e era fruto da ofensiva militar constante por parte do governo mexicano contra o território zapatista.

Os anos iniciais do levante do EZLN, principalmente, são marcados pela violência e por conflitos armados. A defesa do governo, por sua vez, era a de dizer que o que acontecia no território era apenas a defesa da soberania nacional. A isso, Marcos, com sarcasmo, responde

Essas crianças não foram expulsas, diz o governo, e não têm porque se atemorizar com tantos tanques de guerra, canhões, helicópteros, aviões e milhares de soldados. Também não têm porque temer, ainda que esses soldados tragam ordens de prender e matar os pais dessas crianças. Não, essas crianças não foram expulsas de suas casas. Compartilham o chão acidentado da montanha pelo prazer de estar perto de suas raízes, compartilham a sarna e a desnutrição pelo simples gosto de se coçar, e para luzir uma figura esbelta. (EZLN, 02/05/1995)

Começa então a contar uma pequena história, cujos protagonistas da comunidade Guadalupe Tepeyac são Heriberto, Osmar, Eva e Chelita. Novamente, personagens já conhecidos daqueles leitores da literatura de Marcos que, nesse fragmento, empreendem uma batalha física que acaba em choro, gritos e um galo na cabeça de Heriberto. Por um motivo qualquer começa uma confusão, onde armados com paus que, às vezes podem ser bonecas, pedras e varetas, as crianças se enfrentam como em uma guerra. A choradeira e gritaria, no entanto, chamam a atenção dos adultos e uma mãe, armada com um cinto, chega ao campo de batalha que logo fica deserto, com os dois exércitos debandando em retirada.

Ao fim da carta, Marcos lembra-se do verdadeiro motivo que enviara a carta a Galeano e vale-se do velho Antonio para ensinar algo a Dom Eduardo. Certa vez, o velho Antonio ensinou ao Subcomandante que “somos tão grandes quanto o inimigo que escolhemos para lutar, e que somos tão pequenos quanto é grande o medo que temos.” E explica que é por isso, segundo Marcos, que o governo mexicano envia tantos soldados e policiais para o território zapatista: o temor ao povo mexicano.

No comunicado do dia 06 de julho de 1996, “Clausura del Foro Especial para la Reforma del Estado”<sup>42</sup> Marcos escreve sobre o que deveria falar no encerramento do evento. Por isso, numa espécie de narração do que se passou pela sua cabeça para escrever, aborda diversos temas. Por exemplo, retoma a temática do exílio organizado pelo qual centenas de famílias indígenas rebeldes tiveram que se submeter, ao subir das montanhas ante à ocupação do exército sobre suas casas. E por estar falando do povoado de Guadalupe Tepeyac, está

---

<sup>42</sup> O objetivo do Foro era, entre os dias 30 de junho e 6 de julho de 1996, construir um diálogo acerca de uma transição civil e pacífica para a democracia no México, contra o sistema partidário estatal e o modelo econômico neoliberal, e por uma nova relação entre governantes e governados, para o encontro de soluções verdadeiras e profundas para a causas que originaram a guerra justa do EZLN. (EZLN, 1996)

falando da família de algumas das crianças mencionadas em sua história, a exemplo de Toñita, Heriberto e Eva. Começa, então, a falar mais uma vez sobre essas crianças e características únicas de cada uma.

Eva é descrita como possuidora de uma habilidade para lidar com tráfico de influência que causaria inveja aos Salinas<sup>43</sup> e conta ao Sup que Heriberto não quer ir à escola, do mesmo modo que Lúcifer dissera ao Subcomandante quando tivera que ser o diabo da guarda do menino. Novamente, uma repetição no comportamento das crianças, que leva ao leitor a sensação de que já conhecê-las e saber de algumas de suas características e comportamentos. A escola que Eva menciona, alerta Marcos, é um casarão onde os guadalupanos zapatistas exilados construíram o espaço para suas crianças. Heriberto aparece na casinha onde estão “El Sup” e Eva e atraído pelo barulho do papel celofane que embrulha os bombons que estão sob posse de Eva... “siempre termina por aparecer, en la puerta, el temido, el chillido más rápido del sureste mexicano, el estado de derecho, perdón, el terror de las hormigas, el único (ojalá), el inigualable (honor a quien honor merece), él, el Heriberto.” (EZLN, 06/07/1996)

Para a conversa, ao perguntar ao garoto o motivo de não querer ir à escola, Marcos diz que assume uma postura flexível tal qual a do governo mexicano em relação à política econômica: a de declarar-se disposto a discutir tudo, mas deixando claro que não haverá nenhuma mudança. Heriberto responde-lhe que não pode ir à escola se não sabe de nada. Se assim o fizer, levará uma bronca do professor. Por isso, precisa aprender e só depois poderá frequentar a escola.

A resposta do garoto parece suficiente para Marcos que, por fim, pensa que desse modo, Heriberto poderia dar aulas de lógica filosófica e até mesmo dirigir a Secretaria de Educação Pública “con idéntica corrupción pero más inteligencia que quienes muestran intolerancia ante el creciente movimiento magisterial.” (EZLN, 06 /07/1996) trazendo mais uma vez seu humor característico junto à uma crítica apoiada na realidade.

O relato segue e Marcos fala de Beto e Nabor, também crianças já mencionadas aqui. Beto “vive su desesperación por crecer al mismo tiempo que su gente es asfixiada por la política social contrainsurgente del gobierno” e dando uma volta por um *potrero*<sup>44</sup> encontra-se com Nabor, que lhe conta que, em seu povoado, o governo ajuda as famílias com a condição de que larguem os zapatistas e denunciem quem os acompanha. Nabor, mesmo que novo, compreende algumas coisas e sabe que sua família é perseguida por não aceitar a ajuda do

---

<sup>43</sup> Influente família mexicana que contou com Carlos Salinas como presidente do México.

<sup>44</sup> Campo de futebol improvisado onde crianças costumam jogar.

governo. Pergunta então a Beto se ele e sua família irão se render, que lhe responde: “No pues. Ya acordamos que no. Que no nos vamos a rendir, así fue el acuerdo.”

Marcos passa então a falar de Toñita, aquela que renega seus beijos.

La Toñita va con un pequeño tercio de leña a la espalda. Seis años pesa la infancia en la espalda de la Toñita. Por entre el lodo y las espinas de la vereda que baja de la loma, la Toñita ya empieza a encorvar la espalda para equilibrar años y leña. Yo me quedo mudo cuando me doy cuenta que la Toñita, la del beso escatimado porque ‘mucho pica’, camina con su tercio de leña. No es por la dolorosa imagen de una niña aplastada por la miseria de una carga de leña, no es por eso o porque le guarde rencor por negarme el beso. Lo que me deja sin palabra y, por lo tanto, me incapacita para platicarles esto es que, se los juro, la Toñita va sonriendo. (EZLN, 06/07/1996)

O trecho acima, bem como a resposta de Beto a Nabor, mostra como as crianças zapatistas retratadas nas histórias de Marcos têm, acima de tudo, a consciência de ser justa e válida a sua causa. Enfrentando a violência institucional coordenada pelo exército, deixando para trás suas casas e seu povoado, as crianças seguem sabendo que estão lutando e vivendo pelo certo, seja pela resposta madura de Beto ou pelo sorriso de Toñita que, com tantos motivos para chorar e se desesperar, prefere continuar sorrindo.

Mariana, indígena tzotil de Acteal, relata à autora Montoya que aos 6 anos foi vítima, assim como tantos outros, da ação violenta das forças organizadas do governo no massacre de Acteal em dezembro de 1997. Precisando deixar suas casas, muitos dos milhares de indígenas foram recebidos no município autônomo zapatista de Polh’o, sobrevivendo assim com a ajuda da comunidade zapatista e ajuda humanitária civil. Sobre o acontecido, à sociedade civil nacional e internacional, o porta-voz do EZLN lhes pergunta três coisas: “¿Por qué? ¿Cuántos más? ¿Hasta cuándo?”

Mesmo que muito nova, Mariana lembra do ataque paramilitar, das perseguições, do pesadelo que viveu. Passados mais seis anos do massacre, com Mariana aos 12, sua família é realocada para a região onde está parte do povo tseltal, onde chega sem esperança, com medo. Novamente um novo lugar, um acampamento, parecia que estavam fadados a repetir o que começaram desde os ataques sofridos. Conviver com doentes, desabrigados, fugindo mais uma vez dos paramilitares. Valeria a pena? O que encontra, no entanto, ao chegar às 11 da manhã, é um cenário a qual não estava acostumada.

(...) havia sol, rio, milharal. Madeira para construir nossa casa. Não sei porque, mas não parava de chorar. Meus irmãos pequenos também choravam. Meus pais se abraçaram e choraram também. Era como se tivéssemos guardado essas lágrimas por anos e anos e um dia saíram aos montes. Não sabia que se podia chorar de alegria. (MONTROYA, 2016, p. 28)

Para Montoya (2016), a capacidade das crianças zapatistas de serem felizes e fazerem felizes quem os rodeia mesmo em situações tão adversas é uma de suas melhores características.

Ainda nos devaneios escritos de Marcos para o encerramento do Fórum Especial para a Reforma do Estado, o Subcomandante fala de Olivio, já citado em outro momento, Yeniper e Chaga, duas garotas que, como a maioria das crianças zapatistas, chegam com questionamentos ao Sup. Dessa vez, Yeniper pergunta se os helicópteros que sobrevoam o povoado assustam os pássaros do mesmo modo que assustam, com suas lâminas da morte, as crianças. Antes de d'El Sup respondê-la, no entanto, Yeniper o deixa, sem esperar por uma resposta. Observando-a ir embora, ele escreve: “Un pajarito, de lila y celeste vestidas las plumas, vuela de nuevo junto a la Yeniper. De lejos no se sabe quien de los dos camina y quién vuela.” (EZLN, 06/07/1996)

Como tudo que foi narrado era parte das memórias de Marcos para ser utilizado no discurso de encerramento do Fórum Especial para a Reforma do Estado, de 1996, ao terminar de falar das crianças, diz: “(...)llegué a la conclusión de que no sería serio y respetable hablar de los niños indígenas zapatistas en algo tan respetable y serio como es la ceremonia de clausura(...)” e segue, assim, a falar... de Durito, numa clara brincadeira sobre a seriedade do evento e a sua escolha da temática do comunicado. Depois, é o velho Antonio que aparece em cena com mais uma das histórias vivenciadas por ele e Marcos.

Esse fragmento dá a dimensão da importância do trabalho literário de Marcos que, numa cerimônia importante de decisões de luta, escolhe trazer seus personagens para que eles lhes mostrem, cada um à sua maneira, o caminho a seguir. Não ignorar as crianças zapatistas, suas vozes e ações é uma escolha de Marcos que se expressa em suas histórias.

“Los niños y las niñas zapatistas juegan, gritan, rien y no sólo sueñan, sino que construyen al lado de sus padres un futuro mejor para ellos, y tal como lo hicieron sus abuelos, piensan que las nuevas generaciones merecen vivir mejor.” (MONTTOYA, 2016, p. 33)

É interessante pensar que as crianças não são apenas aquelas responsáveis por darem continuidade à luta. Mais do que isso, são o motivo pelo qual se luta. No “Abecedário para escarabajos” de 3 de dezembro de 1996, o Subcomandante Insurgente Marcos, ao usar a palavra “niños” para representar a letra “n” diz que:

En el sótano de México, en el México indígena, los niños no nacen ni mueren hasta los 5 años. Aparecen y desaparecen sin que nadie les lleve la cuenta, el nombre o el

rostro. Para el resto del mundo estos niños no existen, son los no nacidos, ni siquiera son un estorbo. Sonriendo, los niños indígenas se hacen adultos casi inmediatamente y aprenden rápido que tienen que luchar para ser tomados en cuenta. El Poder los descubre cuando se levantan en armas. Estos son los niños zapatistas, los que se hacen adultos de prisa para no morir tan rápido. (EZLN, 03/12/1996)

Do mesmo modo dito por Lúçifer a Marcos, El Sup repete que o “Poder” descobre as crianças zapatistas quando pegam em armas. “Essas são as crianças zapatistas, aquelas que se tornam adultas na prisão para não morrerem tão rápido.” (EZLN, 13/12/1996) Apenas são vistas quando reivindicam seu lugar e sua vida, de modo que, ao passo que são lembradas, são marcadas com um alvo em seu peito e em seu sorriso.

A vida das crianças zapatistas não é fácil e pode ser vista como incomum, afinal, desde pequenos os zapatistas se confrontam com questões que exigem deles uma maturidade que não é característica dessa fase da vida. Entretanto, é preciso atentar-se ao fato de que, nas comunidades indígenas, abandonadas e esquecidas pelo poder público, tampouco a fase infantil era vivida de forma ideal.

Ninguna generación de niños/as indígenas de la selva chiapaneca, en ninguna etapa de la historia han tenido una “infancia normal”, la desigualdad, la exclusión, la marginación y la colonización siempre han sido sus compañeras. Las condiciones de violencia política en este contexto les afectan, sin embargo, los adultos zapatistas por más de 30 años han delegado su trabajo político de generación en generación; por medio de la memoria y la sabiduría ancestral han intentado revertir la naturalización de la violencia en la infancia indígena. (MONTROYA, 2016, p. 33)

É por isso que “Con organización y resistencia, día a día luchan por cubrir las necesidades de salud, educación, techo, alimentación de sus niños y niñas de la forma más digna, y sobre todo con respeto y amor hacia los pequeños.” (MONTROYA, 2016, p.33)

Marcos diz que os únicos com quem fala com toda liberdade são os pequenos. Talvez por isso, as interações que têm com as crianças e as histórias que são contadas sejam tão diversas e, como de seu feitio, leves, engraçadas, irônicas, além de terem cunho pedagógico. No território zapatista, os militantes podem adotar para si um nome de luta. Ainda pequenos, se quiserem mudar seu próprio nome, os pais respeitam sua escolha e até mesmo podem ter nomes diferentes a cada dia. (MONTROYA, 2016) Os Heribertos, as Toñitas, Evas e Olivios são o motivo pelo qual se luta. São também o futuro e a resistência. As crianças são, assim, o próprio movimento do EZLN.

Na maioria dos textos, as crianças são descritas como agitadas, talentosas e principalmente, curiosas e questionadoras. O Sup, para muitas delas, representa conhecimento e sabedoria, já que, sendo adulto, deveria ter as respostas para todas suas perguntas que eles,

enquanto crianças, não são capazes de saber. Muitas vezes, no entanto, não as tem. O que lhe resta, desse modo, é tentar, junto a elas, encontrar respostas convincentes para seus questionamentos. Fazem assim o caminhar perguntando, baseado nas necessidades e na realidade da comunidade zapatista que depara-se com desafios constantes na construção de sua autonomia.

Em 2014 com o comunicado intitulado “Entre la luz y la sombra”, espalha-se a notícia de que o Subcomandante Marcos não existe mais. Mais do que isso, precisou desaparecer. Não morreu porque nunca esteve vivo, mas precisou deixar de existir para que outro surgisse à vida. Numa espécie de negociação com a morte, Marcos se vai e Galeano<sup>45</sup> surge à vida. Com ele, se vão Durito e o velho Antonio, seus amigos e companheiros. Não somem, no entanto, suas histórias, ensinamentos e perguntas.

Na parte três do comunicado, intitulada “El relevo” Marcos diz que

“En estos 20 años ha habido un relevo múltiple y complejo en el EZLN. Algunos han advertido sólo el evidente: el generacional. Ahora están haciendo la lucha y dirigiendo la resistencia quienes eran pequeños o no habían nacido al inicio del alzamiento.” (EZLN, 2014)

O Subcomandante reitera, assim como já havia sido feito na Sexta Declaração, como o movimento havia se modificado, sofrido substituições internas. No momento do comunicado, afirma que quem está fazendo o Exército Zapatista de Libertação Nacional era muito pequeno ou sequer era nascido no começo do levante. Alerta também que outras mudanças ocorreram: a de classe, de raça e principalmente, segundo ele, de pensamento. Saem da vanguarda revolucionária para adentrarem ao mandar obedecendo. Deixam a tomada do poder de cima para poder criar o poder de baixo. Evidencia assim que o EZLN de agora é composto e liderado por crianças de outro tempo que, observando as condições do movimento, o reinventam e o constroem.

Tudo aquilo que o EZLN propõe como forma de viver, desde o mandar obedecendo chegando ao caminhar perguntando contrapõe-se ao capitalismo e ao neoliberalismo que fragmenta e destrói nações, segundo o próprio Sup. Em sua “despedida”, nota-se como Marcos evidencia a si mesmo como um personagem, uma colcha de retalhos construída pelo movimento com diversos objetivos e que se adaptava a seu interlocutor. Marcos era mais uma das estratégias do EZLN.

Durante o texto, há uma rejeição do valor do individualismo e da valorização do líder para colocar sob um holofote a importância do coletivo, que parece ser impossível de

---

<sup>45</sup> Segundo o EZLN no comunicado “El dolor y la rabia” de 9 de maio de 2014, Galeano, professor zapatista, foi morto numa emboscada de paramilitares com três tiros, mesmo que estivesse desarmado.



compreender sob a ótica dos valores neoliberais. Talvez por isso, muitas leituras coloquem Marcos como algo além de um porta-voz do movimento; há dificuldade em compreendê-lo como apenas parte de algo muito maior do que ele.

Nos “pds”, quando Marcos está deixando seu posto para ser substituído pelo Subcomandante Galeano, lê-se

P.D.1.- ¿“Game is over”?  
 P.D.2.- ¿Jaque Mate?  
 P.D.3.- ¿Touché?  
 P.D. 4.- Ahí se ven, raza, y manden tabaco.  
 P.D. 5.- Mmh... así que esto es el infierno... ¡Ése Piporro, Pedro, José Alfredo!  
 ¿Cómo? ¿Por machistas? Nah, no lo creo, si yo nunca...  
 P.D.-6.- O sea que como quien dice, sin la botarga, ¿ya puedo andar desnudo?  
 P.D. 7.- Oigan, está muy oscuro acá, necesito una lucecita.  
 (EZLN, 25/05/2014)

É assim que Marcos despede-se e desaparece, com o humor característico seu e do zapatismo que, para ele, os outros “deberían cultivar un poco el sentido del humor, no sólo por salud mental y física, también porque sin sentido del humor no van a entender al zapatismo. Y el que no entiende, juzga; y el que juzga, condena.” (EZLN, 25/05/2014)

Some assim Marcos. Não some seu universo literário, no entanto. As crianças zapatistas tampouco desaparecem. Aqueles que foram crianças um dia não sentirão falta de suas histórias, já lutam como ele pela liberdade, democracia e justiça, que é a tarefa de qualquer zapatista. As crianças são assim, um receptáculo de memória contra o esquecimento, contra a morte, a humilhação, exploração e silêncio pelo qual os povos indígenas foram submetidos ao longo dos séculos. Para Marcos, escolher a rebeldia é escolher a vida. As crianças de 1994 foram e são líderes de outrora. Do mesmo modo que as crianças zapatistas de hoje poderão, futuramente, serem homens e mulheres, que trajando pasamontañas, estejam plantando a semente zapatista e à frente, na construção do mundo que caibam todos os mundos.

“Por mi voz ya no hablará la voz del Ejército Zapatista de Liberación Nacional. Vale. Salud y hasta nunca... o hasta siempre, quien entendió sabrá que eso ya no importa, que nunca ha importado.” (Subcomandante Marcos, 25/05/2014)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar como algumas das histórias da literatura zapatista se relacionam com as crianças do movimento e como estas são apresentadas. Para isso, escolhemos algumas destas onde as crianças aparecem como personagens importantes para as críticas e observações sobre o movimento que o autor pretende construir. Foi possível observar, a partir dessas leituras, que as crianças são vistas como parte necessária da construção do Exército Zapatista de Libertação Nacional, sendo muitas vezes retratadas como o motivo pelo qual se luta, além de uma renovação de forças notável.

Cada uma à sua maneira, as crianças zapatistas deixam sua marca dentro da literatura. Desde Heriberto com sua inteligência e perspicácia aliadas à constante preguiça de ir à escola, passando por Toñita, representando a dificuldade da vida das crianças que, nas palavras de Marcos, foram esquecidas pelo mau governo e especialmente meninas zapatistas, com seu constante quebrar de xícaras, que precisam se reinventar constantemente para seguir sobrevivendo e lutando; chegando a Olivio, Marcelo e Beto, inquietos quase que por nascença, que têm em si um espírito crítico e questionador. Buscou-se aqui mostrar como Marcos apresentou a vida dos pequenos zapatistas ao narrar a participação dessas crianças em cada um dos episódios aqui analisados.

Com humor, carinho e consideração pelas ideias e falas dos pequenos, o Subcomandante demonstra como preza pelas crianças zapatistas e suas inquietações.. Através de suas palavras, mostra como apesar das dificuldades enfrentadas por elas, as crianças se portam com esperança e compreendem a importância de sua luta. Pelo fato da maioria das histórias aqui analisadas se situarem num intervalo de 10 anos a partir de 1994, é possível observar como estas refletem o constante trabalho de buscar novas formas para sua luta. Os anos iniciais do EZLN são marcados por ações ostensivas do governo, não só através das atividades dos paramilitares, mas também pela tentativa de minar o movimento por outras frentes, a exemplo dos programas de assistência implantados em comunidades próximas a fim de evitar que a população se juntasse ou oferecesse apoio aos zapatistas. Esses momentos são narrados em diversas histórias publicadas pelo EZLN e as crianças não são esquecidas. Exemplo disso é a conversa de Nabor e Beto, analisada no terceiro capítulo desse trabalho, que mostra como as crianças compreendem as atitudes do governo e evidenciam que não se renderão.

A compreensão da necessidade de uma busca pela autonomia, ou melhor, a construção desta, é entendida como necessária a partir da recusa governamental em cumprir os acordos firmados com

o EZLN, a exemplo do acordo de San Andrés, também citado em diversos momentos nas histórias de Marcos. Essa construção reflete-se nas atitudes das crianças que aparecem na escrita do Subcomandante, que questionam o poder do mau governo e que apesar das adversidades, para a surpresa do Sub, sorriem. O amadurecimento do EZLN passa, é claro, pelo amadurecimento de seus integrantes. É por isso que, tranquilamente, El Sup, ao desaparecer, deixa claro que adaptando-se e se modificando a partir de sua realidade, o movimento na hora de sua saída é composto também por aqueles que um dia foram crianças.

As crianças de outrora são os responsáveis por continuar o movimento e algumas aspiram isso desde cedo. Olivio, por exemplo, em “Os diabos do novo século”, já aos sete anos diz a Marcos que quando crescer será ele o Sup, desejando assim o cargo de Subcomandante. A construção e evolução do EZLN passa, inevitavelmente, por suas crianças, suas lágrimas, sorrisos, esperança e perguntas para as quais os adultos muitas vezes não têm resposta.

O universo literário zapatista é rico em tema e forma, o que faz dele, ainda hoje, um objeto de estudo que oferece muito território a ser explorado, principalmente no que diz respeito às crianças e o que elas representam para o movimento.

A literatura foi um dos meios utilizados pelo EZLN para narrar sua própria história. Falar das crianças, narrar como elas se sentam aos pés do Subcomandante para ouvir histórias de um tempo longínquo, mostrar como falam e argumentam, é contar a história do movimento. Com brigas por doces enrolados em papel celofane e falas que às vezes constroem o Sub e até mesmo o próprio diabo, as crianças zapatistas são retratadas como aquelas que, segundo Marcos, além de aprenderem a viver com dignidade e respeito, aprendem também a viver o amanhã desde pequenas. Construir o futuro passa pela construção de uma autonomia que garanta às crianças a possibilidade de ter esperança.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIN, Fabio Marcio. **Por uma geografia da autonomia**: a experiência de autonomia territorial zapatista em Chiapas, México. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.8.2015.tde-09062015-120421. Acesso em: 2022-12-08
- ANDREO, I. L. **Teologia da Libertação e Cultura Política Maia Chiapaneca**: o Congresso Indígena de 1974 e as raízes do Exército Zapatista de Libertação Nacional. **Aleph**, fev. 2011.
- ARAÚJO, M. L. **Da política às letras**: o protagonismo literário do subcomandante Marcos. **Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social**, v. 9, p. 230–246, 2011.
- AVILA, D. R. **El neoliberalismo visto desde abajo por Don Durito**, caballero andante de la selva lacandona. **Signos Lingüísticos**, v. 2, n. 04, 2006.
- AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo. Ed. Unesp, 2004
- BAGNOLI, A. **Literatura e Resistência**: a palavra escrita nas reivindicações territoriais dos povos indígenas. p. 130, [s.d.].
- BRANCALEONE, Cassio. **A experiência de autogoverno zapatista em questão**. In: XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009. Disponível em: <http://www.academica.com/000-062/2207> Acesso em: 30 set. 2016
- BRANCALEONE, Cassio. **Teoria social, democracia e autonomia**. Uma interpretação da experiência de autogoverno zapatista. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.
- CANSINO, C. **Dois eleições presidenciais no México: 1988 e 1994**. **Opinião Pública**, v. 3, n. 2, p. 110–128, 1995.
- CASTANEDA, J. **Utopia desarmada. Intrigas, dilemas e promessas da esquerda LatinoAmericana**. Brasil: [s.n.].
- CAVALCANTI, E. **Tudo que é sólido se desfaz no ciberespaço**: A guerrilha digital dos zapatistas, 2001.
- CLASTRES, P. **Arqueologia da violência pesquisas de antropologia política**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

CLASTRES, P. **A sociedade contra o Estado pesquisas de antropologia política**. [s.l.] Cosac & Naify, [s.d.].

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. **A Guerra é o espetáculo: origens e transformações da estratégia do EZLN**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Ciência Política, Campinas, 2003.

GALLO, Francesca Paola.; **Un estudio sobre la literatura zapatista**. El viejo Antonio y Durito cuentan las historias de Chiapas. Cuadernos del Hipogrifo. Revista de Literatura Hispanoamericana y Comparada ISSN 2420-918X (Roma)

GENNARI, Emilio. **Chiapas: as comunidades Zapatistas reescrevem a história**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

GIL, A. C. A. **O lugar do indígena na nação mexicana: tensões e reconfigurações da identidade nacional mexicana no século XX**. Vitória: Aves de Água, 2013.

GIL, Antônio Carlos Amador. **Espaço, representação e luta na América Latina**. 1. ed. Vitória: Aves de Água, 2011.

GROSGOUEL, R. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global**. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115–147, 1 mar. 2008.

HERRÁN, E. **Los zapatistas y lo político: Apuntes para otra modernidad**. **Isonomía. Revista de Teoría y Filosofía del Derecho**, n. 11, p. 149–163, 1999.

HILSENBECK FILHO, Alexander Maximilian. **Abaixo e à esquerda: uma análise histórico-social da práxis do exército zapatista de libertação nacional**. 2007. 247 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2007.

\_\_\_\_\_ (2009). **Zapatismo: entre a guerra de palavras e a guerra pela palavra**. Passa Palavra. 2009. Disponível em: < <http://passapalavra.info/2009/04/2677> >. Acesso em: 6 nov. 2022

\_\_\_\_\_ (2013). **Literatura e Resistência: a palavra armada zapatista**. *Communicare*, vol. 13, n. 2, São Paulo. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/08/Literatura-e-resit%C3%A0ncia.pdf>>

\_\_\_\_\_ (2004) **O Zapatismo e o fim da história**. **Revista de Iniciação Científica da FFC - (Cessada)**, v. 4, n. 3, 2004.

\_\_\_\_\_ (2017) **Arte e estética política zapatista: o I Festival CompArte pela Humanidade. Lutas Sociais**, v. 21, n. 39, p. 77–92, 31 dez. 2017.

**Indígenas y oralitura como resistencia ante el olvido | revistaerrata.co**. Disponível em: <<https://revistaerrata.gov.co/contenido/indigenas-y-oralitura-como-resistencia-ante-el-olvido>>. Acesso em: 17 nov. 2022a.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e Literatura: uma velha-nova história**. In: DA COSTA, Cléria Botêlho, MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006. pp. 11-28

JUNIOR, J. G. B. **Nas trincheiras da mídia: a utilização da internet na divulgação do EZLN. Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n. 5, 2006.

MARCOS, S. INSURGENTE G. [ANTES. **Un relato del viejo Antonio | Subcomandante insurgente Galeano [antes Marcos]**. Disponível em: <<https://www.revistadelauniversidad.mx/articles/df0808cc-3e18-4802-8519-a00ead35cc9f/un-relato-del-viejo-antonio>>. Acesso em: 24 out. 2022.

**Mexico**. Disponível em: <<https://www.hrw.org/legacy/reports/1996/Mexico1.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

MONTOYA, Angélica. Narrativas de violencia y resistencia de la infancias zapatistas. **Argumentos. Estudios críticos de la sociedad**, n. 81, p. 13-35, 31 ago. 2016

MOREL, A. P. M. CAMINHAR PERGUNTANDO: A EDUCAÇÃO AUTÔNOMA ZAPATISTA. WALK ASKING: THE AUTONOMOUS ZAPATISTA EDUCATION. **RevistAleph**, n. 31, 20 dez. 2018.

MORTATTI, M. DO R. L. Leitura crítica da literatura infantil. **ITINERÁRIOS – Revista de Literatura**, 2001.

NASCIMENTO, C. G. DO. Guerreiros Zapatistas: Velho Antonio e Don Durito. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n. 3, p. 50–65, 2003.

NAVARRETE LINARES, F. **Los pueblos indígenas de México**. 1. ed ed. México, D.F: Comisión Nacional para el Desarrollo de los Pueblos Indígenas: Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo, 2008.

NOLASCO, Patricio. Cambio político, estado y poder: um bosquejo de la posición zapatista. **Revista Chiapas**, v. 5, 1997, p. 3. Disponível em <<http://www.revistachiapas.org/ch5nolasco.html>> Acesso em: 20 nov. 2022.

ORNELAS, Raul. A autonomia como eixo da resistência zapatista. Do levante armado ao nascimento dos caracoles En: *Hegemonias e emancipações no século XXI*. São Paulo: CLACSO, 2005. ISBN: 987-1183-20-8

ORTIZ, P. H. F. Das montanhas mexicanas ao ciberespaço. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 55, p. 173–186, dez. 2005a.

PALAVRA, P. **Zapatismo: Entre a guerra de palavras e a guerra pela palavra**. *Passa Palavra*, 15 abr. 2009. Disponível em: <<https://passapalavra.info/2009/04/2677/>>. Acesso em: 1 fev. 2023

PELLICER, J. La gravedad y la gracia: el discurso del Subcomandante Marcos. **Revista Iberoamericana**, v. 62, n. 174, p. 199–208, 3 mar. 1996.

PINTO, M. F. M. O EZLN e a construção de uma autonomia indígena zapatista. **Faces da História**, v. 7, n. 1, p. 285–311, 27 jun. 2020.

**Revista Envío - Caracoles y Juntas de Buen Gobierno: nueva etapa del zapatismo**. Disponível em: <<https://www.envio.org.ni/articulo/1637>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

RICO MONTOYA, A. De la colonización al proyecto de emancipación y educación zapatista. *Relatos de infancia: racismo, violencia y memoria colectiva*. **Ra Ximhai**, p. 63–86, 31 dez. 2018.

SILVEIRA, R. F., & CÂMARA, M. A. (2018). A AUTONOMIA FRENTE À HIDRA CAPITALISTA: APORTES DA EXPERIÊNCIA ZAPATISTA. **GEOgraphia**, 20(42), 77-88. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2018.v20i42.a13834>

SOARES, L. F. Por uma teoria da literatura infantil: o caso Peter Hunt. **Caletroscópio**, v. 3, n. 4, p. 23–35, 2015a.

URREGO, M. A. Le Bot, Yvon. Subcomandante Marcos. El sueño zapatista. México, Plaza y Janés, 1997, 376 p. **Cuicuilco**, v. 4, n. 9, p. 151–156, 1997.

VITALI, M. A. Literatura rebelde zapatista: a produção e a escrita do subcomandante insurgente Marcos. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n. 17, p. 189–213, 2014.

VIVAS, M. R. memoria y conversación para la paz; escuchando al poeta mapuche Elicura Chihuailaf. p. 2, [s.d.].

ZAVALETA, F. R. A. et al. A proposta educativa nas comunidades zapatistas: autonomia e rebeldia. **Desidades**, v. 13, p. 9–19, dez. 2016.